

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – CURSO DE MESTRADO

MÁRIO BERTOLDO

**ROTEIROS DE TRABALHO DE CAMPO NO MUNICÍPIO DE CAMPO
MOURÃO/PR: CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO**

MARINGÁ-PR

2017

MÁRIO BERTOLDO

**ROTEIROS DE TRABALHO DE CAMPO NO MUNICÍPIO DE CAMPO
MOURÃO/PR: CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia. Área de Concentração: Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais. Da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de Lima

MARINGÁ-PR

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

T266p	<p>Bertoldo, Mario</p> <p>Roteiros de trabalho de campo no município de Campo Mourão/PR: contribuição da geografia para ensino fundamental e médio / Mario Bertoldo. -- Maringá, 2017.</p> <p>109 f. : il. color., figs.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Lima.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.</p> <p>1. Geografia - Metodologia - Trabalho de campo. 2. Geografia - Educação básica. 3. Geografia - Ensino. I. Lima, Maria das Graças, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 21.ed.910.7</p>
-------	---

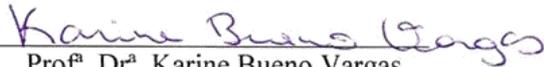
ROTEIROS DE TRABALHO DE CAMPO NO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO/PR:
CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

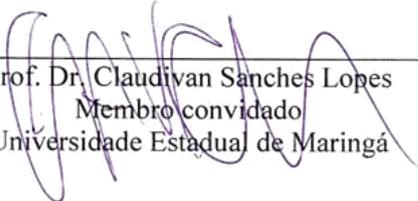
Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa: Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais.

Aprovada em **18 de agosto de 2017.**

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dr.ª. Maria das Graças de Lima
Orientadora – PGE/UEM


Prof.ª. Dr.ª. Karine Bueno Vargas
Membro convidado
Universidade Estadual de Londrina


Prof. Dr. Claudivan Sanches Lopes
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá

AGRADECIMENTOS

A Professora Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças de Lima, que me incentivou e manteve visão crítica construtiva na orientação desse trabalho;

A minha querida Mãe Lourdes, que nunca mediu esforços para a educação dos filhos;

Ao Pai Antônio (*in memoriam*), grande batalhador, que almejava o sucesso dos filhos frente às dificuldades;

Ao meu filho Guilherme que sempre viu no pai um espelho de esforço e dedicação, e a Rosana que me incentivou nas horas difíceis;

As minhas irmãs: Lucia, Clarice e Marina: queridas meninas;

Ao Colégio Ivone Castanharo, na pessoa da diretora Tania que possibilitou desenvolver as atividades relacionadas nessa dissertação;

Aos colegas de trabalho e demais amigos que acreditaram no meu esforço frente a esse desafio;

Ao Programa de Pós-graduação em Geografia-UEM, em especial aos Professores Claudivan, Maria Eugênia e à querida Miriam;

Ao colegiado da UNESPAR-Campo Mourão, em especial à Professora Sandra Terezinha Malysz;

E sobre tudo ao meu Deus, grande mentor da minha vida.

RESUMO

Um dos principais objetivos da disciplina de Geografia é entender o conceito de espaço geográfico. Partindo dessa hipótese, uma das formas de interpretar esse conceito é pela exploração do Trabalho de Campo como metodologia de ensino e aprendizagem. A metodologia de ensino baseada no Trabalho de Campo destaca-se como um recurso eficiente para dinamizar a prática curricular dos conceitos da geografia. As experiências obtidas durante essas práticas justificam a elaboração desta dissertação, que propôs investigar a potencialidade dessa estratégia de ensino, discutir a importância da aula de campo como metodologia didática para facilitar a compreensão da ciência geográfica e dos conteúdos geográficos escolares, nela propostos, com base em uma análise dos benefícios que a aula de campo proporciona, tendo como objeto de estudo o Ensino Fundamental e Médio, e como experiência, as atividades realizadas nos anos letivos de 2015 e 2016 no Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo no Município de Campo Mourão, Estado do Paraná. Os procedimentos adotados para esse trabalho foram: leituras de publicações de autores clássicos e contemporâneos acerca do tema, pressupostos norteadores do Trabalho de Campo e a efetivação dessa prática no ambiente escolar; roteiros dirigidos para a temática da educação ambiental, abordando conteúdos como a erosão pluvial, as ações antrópicas nos parques da cidade e registro fotográfico nas atividades de Trabalho de Campo em geografia. Analisamos, também, as práticas adotadas por professores de geografia, em que os mesmos descrevem suas experiências obtidas no Trabalho de Campo, expondo seus resultados. Como considerações finais, percebemos que mesmo com algumas dificuldades metodológicas e estruturais, o Trabalho de Campo tem se mostrado uma excelente ferramenta de ensino, no entendimento dos conteúdos geográficos.

Palavras-chaves: Metodologia do Trabalho de Campo em geografia, Geografia na Educação básica, Ensino de geografia e Trabalho de Campo.

ABSTRACT

One of its main purposes of the Geography studies is to understand the concept of geographic space. Due to these hypotheses, one of ways of interpreting that concept is a using to fieldwork operation as method of teaching and learning. This method of teaching is based on fieldwork deserves a curricular practice about the geography concepts. Experiences obtained during those practice warrant the production this master's degree dissertation, which has proposed to investigate the teaching strategies potentiality from teaching ones, discuss the importance about fieldwork as a teaching methodology for promoting the geographic science understanding, as well as the school geographic contents, a using to it, according to an analysis from the benefits that fieldwork has, the objective being of study the High School and every activities carried out in the 2015-2016 school years in College State Teacher Ivone Soares Castanharo – in Campo Mourão, Paraná State in Brazil. The procedures adopted for this fieldwork and realization about that practice at school, plans regarding to environmental education topic; approaching the continents like some pluvial erosion, anthropic actions at parks in Campo Mourão City and, photographic register under fieldwork activities in Geography. We analyze the adoption by geography teachers, hence they report their results. We understand, as concluding remarks, in spite of some methodological and structural difficulties, the fieldwork has showed an excellent way for teaching a using to geographic contents understanding.

Key-words: Methodology of fieldwork at geography, Geography in the Basic Education, Geography teaching and Fieldwork.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia com legenda explicativa.....	34
Figura 2 - Região estudada para construção do Mapa Colaborativo.....	42
Figura 3 - Mapa Colaborativo do entorno do Colégio Estadual Professora Ivone Castanharo. Recorte da área total que foi estudada pelos alunos	43
Figura 4 - lixo sem a devida acomodação	46
Figura 5 - lixo sem a devida acomodação	46
Figura 6 - Resto de construção	46
Figura 7 - Entulho de construção.....	46
Figura 8 - resto de móveis descartados.....	47
Figura 9 - lixo descartado incorretamente	47
Figura 10 - bueiro entupido	47
Figura 11 - bueiro sem proteção	47
Figura 12 - buracos na malha asfáltica	48
Figura 13 - malha asfáltica comprometida	48
Figura 14 - voçoroca na área periurbana	48
Figura 15 - Elaboração do mapa colaborativo.....	49
Figura 16 - Mapa “A” : Área completa estudada e mapas das demais áreas.	50
Figura 17 - Área total estudada	51
Figura 18 - Vista Aérea do Parque Municipal Gralha Azul	57
Figura 19 - Localização do Parque Municipal Gralha Azul.....	58
Figura 20 - Deslocamento do grupo saindo do Colégio em direção ao local dos trabalhos.....	60
Figura 21 - Imagem sobre a o avanço do processo erosivo no PMGA	60
Figura 22 - Aula de Campo sobre a erosão pluvial	61
Figura 23 - Aluna em registro fotográfico.....	62
Figura 24 - Imagem do processo erosivo no PMGA	64
Figura 25 - Imagem sobre a o avanço do processo erosivo no PMGA	64
Figura 26 - Observações feitas pelos alunos sobre a dimensão do processo erosivo.....	65
Figura 27 - Impacto da erosão pluvial, causada pela má conservação do sistema de escoamento das águas pluviais.....	65
FFigura 28 - Aluno retratando a voçoroca.....	67
Figura 29 - Imagem da Voçoroca	67
Figura 30 - Desenho da voçoroca.	67

Figura 31 - Vista aérea do Parque municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, Campo Mourão.....	68
Figura 32 - transporte dos alunos para o trabalho de campo	69
Figura 33 - Instruções preliminares no trabalho de campo na visita ao Parque do Lago.....	70
Figura 34 - Espaço urbano ao entorno do Parque.....	71
Figura 35 - Passarela que une as margens do lago	71
Figura 36 - Área para atividade física	71
Figura 37 - Passarela para caminhada	71
Figura 38 - Costela de Adão - <i>Monstera deliciosa</i>	72
Figura 39 - Palmeira Jerivá - <i>Syagrus romanzoffiana</i>	72
Figura 40 - Vegetação ripária ou ciliar	72
Figura 41 - Vegetação Ombrófila Mista presença de Araucária	73
Figura 42 - Nicho das capivaras	73
Figura 43 - Área Assoreada do Parque	73
Figura 44 - Parque Joaquim Teodoro de Oliveira	74
Figura 45 - Observações e registros.	75
Figura 46 - Representação do Parque do Lago.....	78
Figura 47 - Representação de atitudes ambientais harmônicas e desarmônicas no ambiente.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Problemas relacionados à estrutura urbana	44
Quadro 2 - Observação feita pelos alunos sobre os problemas urbanos.	52
Quadro 3 - Observação e caracterização da paisagem do Parque do lago em Campo Mourão.	74
Quadro 4 - Proposta de uso e implementação de políticas de educação ambiental no Parque.	77

GRÁFICO

Gráfico 1 - Amostra realizada com professores do Ensino público e particular 89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DO TRABALHO DE CAMPO E A EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	16
3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA MODERNA E O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL.....	20
4 NATUREZA DO TRABALHO DE CAMPO	29
4.1 PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO	31
4.2 O TRABALHO DE CAMPO ESCOLAR E ROTEIROS DIRIGIDOS	39
4.2.1 Roteiro 1 de trabalho de campo: “O uso da cartografia: mapeamento colaborativo na análise de problemas urbanos”	41
4.2.2 Roteiro 2 de trabalho de campo: Observação e registro fotográfico no Parque Municipal Gralha Azul	55
4.2.3 Roteiro 3 de trabalho de campo - visita ao Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira. “Parque do Lago”.	68
4.3 O ENVOLVIMENTO DO PESQUISADOR COM A PESQUISA	81
4.4 A ARTICULAÇÃO LOCAL, REGIONAL E GLOBAL E O PROBLEMA DA ESCALA NO TRABALHO DE CAMPO.	82
5 A PROBLEMÁTICA DO TRABALHO DE CAMPO, A PROFISSIONALIZAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.....	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
7 REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES.....	102

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática do Trabalho de Campo na disciplina de Geografia no Ensino Fundamental e Médio deve-se ao entendimento de que o Trabalho de Campo se apresenta como uma importante metodologia de aprendizagem, na medida em que possibilita a assimilação do conhecimento contido nos conteúdos dos livros didáticos e transmitidos pelo professor. Nesse entendimento, o Trabalho de Campo permite relacionar os aspectos já identificados nos textos ou imagens teóricas à paisagem observada e analisada do espaço geográfico, proporcionando descobertas de novos fatos.

O Trabalho de Campo possibilita o professor ir além do método expositivo de conteúdo. Explorar essa metodologia de aprendizagem, como recurso didático, permite a abordagem de diversas leituras do espaço geográfico, tanto ambientais, como econômicos, culturais, dentre outros, favorecendo e estimulando os alunos às múltiplas possibilidades de assimilação do conhecimento e de envolvimento com o objeto pesquisado, na perspectiva de intervenção na realidade social.

A presente dissertação justifica-se pela necessidade de explorar o Trabalho de Campo, pois ele favorece o processo de ensino e a aprendizagem, sendo o aluno informado e esclarecido no decorrer da paisagem observada, sobre questões que antes pareciam sem significados ou distantes de sua realidade. Objetiva também, estudar a sua contribuição enquanto recurso didático dinâmico, partindo para uma perspectiva científica no ensino de Geografia e reforçar a necessidade da relação entre os conteúdos tratados em sala de aula com os elementos observados em campo.

Refletir sobre a importância do Trabalho de Campo requer também a compreensão de suas especificidades frente a outras disciplinas das áreas das ciências naturais e sociais, estreitando o diálogo entre elas; é traduzir interdisciplinarmente os aspectos físicos para as ciências sociais e explicar as mudanças acontecidas nesse espaço, correlacionando aos estudos que tratam das questões sociais ou culturais.

Para a tendência da Geografia, denominada de Crítica representada pelas produções de Lopes e Pontuschka (2010), Callai (1988) e Venturi (2005), o estudo do meio, na ênfase do Trabalho de Campo, é uma metodologia que caracteriza-se por seu caráter dialógico investigativo e interdisciplinar. Dialógico porque o seu ponto de partida, seu desenvolvimento e a produção de resultados, proporciona o encontro de sujeitos sociais que enfrentam os mesmos problemas. Investigativo porque nele, professores e alunos são

parceiros na investigação de conhecimentos já consolidados, na busca de novas informações, na sistematização de novos conhecimentos pertinentes ao tema e ao lugar selecionado para o estudo, e interdisciplinar porque pretende desvelar a complexidade de um determinado espaço geográfico, dinâmico e que dificilmente uma disciplina escolar isolada poderia dar conta de compreender.

O Trabalho de Campo é uma forma clássica e tradicional dos geógrafos levantarem dados e informações. Essa metodologia de aprendizagem é de grande importância, porque oferece potencialidades que devem ser levadas em consideração no processo educativo, valendo-se de uma técnica acessível e eficaz para observar, registrar, estudar, compreender e representar os objetos de estudo.

Nesta dissertação, abordamos o Trabalho de Campo com enfoque para a leitura da paisagem geográfica, por isso buscamos entender como esse encaminhamento de pesquisa se decodifica para o Ensino Fundamental e Médio e se adapta aos procedimentos didáticos necessários para a aprendizagem. Foi com o objetivo de mostrar essa preocupação, que nesse trabalho estudamos (HUMBOLDT, *apud* MORAES, 1989) MONBEIG (1940, 1954, 1957), STERNBERG (1946) e mais recentemente Deffune e Lima (2013), dentre outros autores da Geografia que utilizam ou escrevem sobre o Trabalho de Campo.

Para abordar conteúdos geográficos na perspectiva do Trabalho de Campo é preciso partir da compreensão da realidade observada, do espaço vivido, das ações cotidianas com o objetivo de fazer uma leitura dinâmica da paisagem, favorecendo sua compreensão a partir de sua composição física e social, sua produção e seu ordenamento territorial, cenários da expressão dos fenômenos geográficos.

Como proposta de compreensão e leitura da paisagem o Trabalho de Campo pode favorecer o entendimento dos conceitos e categorias geográficas. Nas aulas de Geografia, embora, se relacione os conteúdos aos fatos observados na realidade, usando imagens, leituras de textos, análise de mapas e dados estatísticos, sua caracterização, somente, nas atividades de sala de aula fica bastante abstrata para os alunos. Entendemos, em muitos casos, que a decodificação geográfica só acontece se o campo for explorado, se o contato for feito e se a paisagem for analisada, oferecendo significado para aquilo que se leu nos textos de abrangências teóricas.

As exposições feitas pelos professores, de assuntos diversos, em aulas exaustivamente teóricas têm se mostrado pouco eficazes e, mesmo que esses profissionais inovem com imagens e ilustrações, os discursos retóricos mais confundem do que esclarecem os alunos.

Um ensino de Geografia, que dispensa leituras, análise da paisagem e coletas de dados, o que poderiam auxiliar nas conclusões sobre o tema proposto, não permite a plena aprendizagem, na medida em que não desperta para a assimilação do conhecimento.

O Trabalho de Campo em Geografia não deve ser limitado, abordando somente conteúdos relacionados ao meio ambiente, como entendem ou preferem muitos professores; ele pode ser abrangente, referendando outros conteúdos da geografia ou áreas afins. A questão aqui não é abordar um conhecimento geográfico ou uma metodologia em detrimento de outra, mas sim integrá-los, articulando-os à realidade investigada.

Os conteúdos abordados pela Geografia em sala de aula registram a história do conhecimento sistematizado. A observação, o registro, a representação, fazem parte desse conhecimento. As leituras e análises representam a sala de aula e a observação e os registros compõem o Trabalho de Campo.

Se a aquisição do conhecimento se limitar às informações transmitidas pelos professores, e esses se basearem somente em livros didáticos ou textos, isto é, numa prática convencional de repasse de informações, o “Campo” será desnecessário ou a sua realização não será frutífera.

O Trabalho de Campo não pode ser entendido como ruptura no processo de ensino e aprendizagem, que inibe a autonomia e a criatividade na construção de um saber crítico, pelo contrário, ele deve ser entendido como subsidio dos temas tratados em sala de aula, não só com a intenção de abordar, na prática, o que foi trabalhado teoricamente, mas, por reconhecer que conceitos como paisagem, território, lugar, região, espaço geográfico e temas como a dinâmica e a complexidade da paisagem, as relações sociais, econômicas e políticas, são abstratos e precisam ser identificados e referendados.

O problema mais comum no ensino da Geografia diz respeito a entender e representar o espaço geográfico. Algumas atividades sugeridas nos livros didáticos não são suficientes para o desenvolvimento da capacidade cognitiva do aluno e para que os conceitos geográficos e a relação homem e meio sejam tratados de forma significativa.

É indispensável para o aluno entender o que está aprendendo; observar as transformações ocorridas na paisagem ou no espaço geográfico do qual faz parte, entender o que provocou tais mudanças, entender os conceitos presentes nos textos em sala de aula e destacar os fenômenos que não estavam presentes, mas que merecem atenção.

As atividades de campo, também favorecem o estabelecimento de relações humanas no espaço, permitindo comparação entre o físico e o social. Deffune e Lima (2013), explicam que a expressão da relação entre sociedade e natureza é o diálogo necessário para a

leitura e compreensão das transformações do espaço geográfico. O professor que consegue estabelecer relação entre o conhecimento escolar às questões sócias espaciais propicia ao aluno a assimilação do conhecimento de forma significativa.

A observação, o registro e a busca por informações que expliquem a conformação e a funcionalidade espacial podem auxiliar o aluno na compreensão do espaço em que está inserido. O papel do professor é ajudar na formação do indivíduo, estimulando o aluno a pensar suas ações na sociedade.

Raramente, encontram-se estudos que tratam as práticas didáticas dando ênfase a um maior contato entre o ensino e o cotidiano. Por isso, é preciso adotar metodologias que imprimam movimento à aula no sentido de estabelecer relação entre os conteúdos tratados em sala de aula e sua compreensão junto à realidade imediata. Desta maneira, uma das melhores formas de visualizar as relações homem e meio, ou sociedade e natureza no ensino é a prática do Trabalho de Campo.

Foi com a intenção de estudar a importância da metodologia do Trabalho de Campo, como recurso didático para o ensino de Geografia, que estruturamos essa dissertação da seguinte forma:

Na introdução, justificamos nosso trabalho comentando sobre a importância do Trabalho de Campo como metodologia de ensino da geografia e como ele se codifica para a aprendizagem no ensino Fundamental e Médio, permitindo diversas abordagens para assimilação do conhecimento.

Na segunda seção: “A história epistemológica do Trabalho de Campo e a evolução da ciência geográfica” alicerçaremos o referencial teórico e os conceitos que balizam esta análise, considerando os procedimentos de estudo do espaço geográfico e a sistematização ao longo de sua história epistemológica, fazendo um breve retrospecto sobre a evolução do pensamento geográfico.

Na terceira seção: “A institucionalização da geografia moderna e o ensino da geografia no Brasil”, comentaremos sobre a contribuição da geografia alemã, francesa e norte americana na construção da ciência geográfica no Brasil, enfatizando a metodologia do Trabalho de Campo como ferramenta indispensável na decodificação do espaço, análise da paisagem e facilitador da aprendizagem escolar.

Na quarta seção: “Natureza do Trabalho de Campo” falaremos sobre os desdobramentos do Trabalho de Campo e a realidade escolar, abordaremos os procedimentos e estratégias de ensino da geografia, apresentando roteiros de saída de campo

e metodologias aplicadas, investigando como os alunos entendem o estudo da Geografia fora de sala de aula.

Na quinta seção: “A problemática do Trabalho de Campo, a profissionalização e a prática docente” identificaremos os conceitos que os professores e alunos têm sobre esta prática; de que forma estes realizam o Trabalho de Campo, quais procedimentos adotam e como os alunos entendem os conhecimentos da Geografia a partir dessa metodologia de ensino.

E por último, consideraremos nossa pesquisa, fazendo uma análise das atividades realizadas na prática escolar e da importância do Trabalho de Campo enquanto metodologia para a aprendizagem na disciplina de Geografia.

2 A HISTÓRIA EPISTEMOLÓGICA DO TRABALHO DE CAMPO E A EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

As migrações mais antigas, realizadas pelos povos orientais já demonstravam um conhecimento amplo da superfície terrestre. Pode-se dizer que o conhecimento geográfico avançou com os registros feitos a partir da exploração da Terra, das observações dos viajantes, naturalistas, filósofos, astrônomos e matemáticos em suas expedições, mesmo que se configurasse, naquele contexto, um conhecimento empírico.

Sendo assim, novos espaços foram conhecidos e pela intensificação das trocas de produtos aumentaram as relações comerciais e, dessa forma, o conhecimento do mundo se expandiu.

O conhecimento acumulado pelos povos orientais foi utilizado pelos gregos, ao tornarem-se povos dominantes, assim como, posteriormente, outros povos se apropriaram do conhecimento grego. Pelo conhecimento que acumularam, os orientais poderiam ter ido muito mais longe, mas preferiram explorar apenas o seu entorno.

Os gregos foram os primeiros, no mundo Ocidental, a sistematizar o conhecimento geográfico sobre a superfície da Terra, e nesse contexto esse conhecimento partiu da observação e registro. Sendo navegadores, deram passos largos com relação ao conhecimento astronômico, fundaram colônias em várias regiões dos seus arredores e, tendo seu espaço localizado em uma posição estratégica de rotas mercantis, desenvolveram um expressivo conhecimento descritivo da Geografia. Coletaram dados e sistematizaram aspectos do conhecimento físico ligado a natureza; objeto da atenção de navegadores e exploradores dos mares Negro e Mediterrâneo, de militares, comerciantes, matemáticos, historiadores e filósofos.

Dentre os seus mais célebres personagens e precursores estavam Estrabão, historiador e viajante e Cláudio Ptolomeu, de dinastia faraônica; ambos os autores de registros nos quais descreviam o mundo conhecido. Além desses, Heródoto, conhecido como “Pai da História” que também tratou de aspectos geográficos em sua obra.

Segundo Sodré (1976), a Geografia, na antiguidade, valeu-se de passos dados às vezes vagarosamente, às vezes equivocadamente, sendo no sentido das informações obtidas ou no dimensionamento, na quantificação, na localização dos pontos sobre a superfície terrestre, mesmo assim, acumulou-se nessa época, vasto conhecimento sobre um mundo

conhecido. Sodré (1976) enfatiza que nessa época o caráter interpretativo era mais importante do que o caráter explicativo, não necessitando de muita razão e análise.

Nessa conjuntura, os elementos estavam misturados ou subordinados a outras áreas do conhecimento do qual a geografia fazia parte. Seus estudos compunham outras áreas, como Astronomia, Física e Matemática. O conhecimento geográfico assumia um caráter de localização e estava à disposição de historiadores, filósofos e matemáticos.

Os romanos ampliaram a herança geográfica grega, conquistadores que foram, avançaram nos procedimentos e conhecimentos que envolviam o sistema de localização geográfica pelas coordenadas terrestres; representaram e descreveram com maior fidelidade as regiões e planejaram cidades e vias de circulação. Esse início da sistematização da Geografia deve muito às pesquisas e aos relatórios de campo elaborados por viajantes, naturalistas e outros que registravam a realidade que observavam.

Com a expansão de Roma pela Europa (século II a.C.) e a formação do seu grande império a cultura grega foi anexada aos romanos, sendo influenciada demasiadamente. Andrade (1987) destaca que as maiores preocupações dos romanos eram as conquistas militares, a organização de seu vasto império e a criação de rotas comerciais, diferentemente dos povos orientais que se preocupavam também com o conhecimento científico.

Sendo assim, os romanos não inovaram tanto quanto ao conhecimento produzido pelos gregos, apenas ampliaram as descrições das áreas ocupadas e submetidas.

Com relação à Idade Média, período que vai do século V ao século XV, Sodré (1976) afirma que os principais fatores que explicam a retração na produção do conhecimento foram: a organização do sistema feudal, a fragmentação do poder, a fragmentação do espaço e a imensa influência exercida pela Igreja Católica. Kimble (2000) salienta que o conhecimento estava restrito aos monastérios e que poucos tinham acesso às bibliotecas.

Porém, o fato de não considerar a sua existência ou de interpretá-la com olhos e razão pode nos levar a uma falsa imagem de que não existiu Geografia nesse período. Ela existiu, porém limitada ao conhecimento cosmográfico, pois, inúmeras obras e estudos realizados no período clássico foram deixados de lado ou foram pouco referenciadas nas obras publicadas.

[...] no Século IV, o pensamento geográfico estava distante de ser moldado nos padrões ptolomaicos. Investigações posteriores nos mostram que as opiniões de Heródoto, Erastóstenes, Hiparco e Estrabão não eram amplamente aceitas como autoridades como tinham sido até aquele momento. Por sua vez [...] obras visivelmente mais pobres, numa ótica moderna, foram promovidas à posição de apreço. (KIMBLE, 2000, p.14).

Para Kimble (2000), a questão cosmográfica significava coisas distintas para diferentes autores: para alguns, era simplesmente a descrição da criação do mundo e a distribuição da humanidade e, para outros, era essencialmente o estudo dos fenômenos sobre a superfície terrestre, considerando principalmente o tempo, o clima, as plantas, os animais, as pedras preciosas e as “maravilhas divinas” e, para um terceiro grupo, bem mais distante do que nós entendemos sobre a Idade Média estavam àqueles interessados na história política.

Nessa época, a Geografia terrestre foi produzida, desprovida de detalhes e construída com base em uma mitologia geográfica que durante a Idade Média ofereceu grande resistência ao progresso científico.

Sendo assim, a grande revolução para o conhecimento geográfico só aconteceu no final da Idade Média e início do Renascimento, quando a expansão do espaço conhecido e a desmistificação das crenças a respeito da superfície terrestre teve a grande contribuição da cartografia. Ainda ligada à matemática, a cartografia foi aperfeiçoada e nela introduzidas novas terras, o que foi de grande importância para o conhecimento científico e para as aspirações comerciais e políticas, mas não, o suficiente, para o conhecimento geográfico.

Entre os séculos XV e XVIII foram aperfeiçoadas as medidas das coordenadas da Terra e corrigidos os velhos mapas, as correntes marítimas foram estudadas tendo como objetivo a navegação entre os continentes. Nesta conjuntura, o conhecimento geográfico deixa a Astronomia, cuja leitura geográfica era matemática, e passa a desenvolver os aspectos políticos da Geografia, destacando-se o interesse pelos lugares, costumes, economia, cultura, descrição física do espaço e relações da sociedade.

Na Idade Contemporânea, nos séculos XVIII e XIX, em consequência da expansão do capitalismo e da intensificação do comércio, houve a retomada do desenvolvimento da ciência geográfica. A acumulação do capital foi uma questão ligada às atividades e estratégias pelo mundo, as mudanças revolucionárias levaram a burguesia ao poder e ao comércio com as colônias e a apropriação europeia de territórios em diferentes pontos da Terra contribuiu para a sistematização das informações da descrição, localização, comparação entre terras conhecidas, confecção de mapas mais detalhados e confiáveis. Esse mapeamento levou ao avanço e aprimoramento da Cartografia, retornando à Geografia, sua leitura essencial que a deixa, por assim dizer, mais conservadora em seus estudos.

Desta forma, fazendo uso de instrumentos e ávidos em cumprir as ordens da empresa colonial, aventureiros e exploradores passaram a sistematizar o conhecimento da ciência geográfica ou interpreta-la de maneira mais científica. A partir do século XIX, o interesse na

representação da Terra centra sua atenção na diferenciação da superfície terrestre, tradição instaurada por Heródoto, Estrabão e viajantes. Nesse contexto destaca-se Heródoto, prolongando seu esforço em desvelar do mundo até então não conhecido, através de suas viagens americanas ou siberianas.

Diante disto, para a presente pesquisa de reflexão do Trabalho de Campo como forma de leitura geográfica, considerou-se a contribuição dos geógrafos clássicos conduzida historicamente, na descrição e diferenciação da superfície terrestre.

3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA MODERNA E O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL

Institucionalizada primeiramente na Alemanha, a Geografia nas universidades foi impulsionada pela necessidade de reorganização do território e pelo seu conhecimento autônomo e particular, servindo de modelo a outros países da Europa. Nesse país a Geografia esteve presente, primeiramente, no currículo escolar desde a escola primária até os cursos universitários.

Com Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, a Geografia adquiriu, na Alemanha, no século XIX *status* científico. Dentre os trabalhos e de grande contribuição, destacam-se as obras de Alexander Von Humboldt, que durante sua longa viagem pela América estudou a distribuição das plantas e das paisagens. Humboldt contribuiu para um enorme avanço das ciências naturais, ao descrever plantas, animais e acidentes geográficos, até então desconhecidos pelos europeus.

Humboldt criou os pilares da geografia natural, o que iria se tornar a geografia física. Em suas viagens ao redor do mundo teve a preocupação de entender as diferenças e similaridades entre as paisagens da superfície terrestre, usando para isso o método comparativo.

Em relação ao método comparativo usado por Humboldt, cabe destacar que o uso de forma abundante e que alguns consideram que é precisamente este uso de comparações universais sua contribuição mais importante. Humboldt comparava, de fato, sistematicamente as paisagens do setor que estudava com outras partes da Terra. (CAPEL, 2004, p. 14).

Segundo Capel (2004), Ritter relacionou a superfície terrestre e a atividade humana tendo suas investigações geográficas assentadas no foco das relações homem-natureza. Para Ritter, o princípio essencial da Geografia estava na relação dos fenômenos e formas da natureza com a espécie humana.

Dessa forma, a ênfase na descrição característica da antiga geografia, resultante dos relatos de viagens e expedições científicas é substituída por uma perspectiva explicativa, sistemática e científica.

Segundo Capel (2012), essa forma explicativa contribuiu para a sistematização do estudo do espaço e da sociedade.

Na França, a institucionalização da Geografia moderna realizou-se apenas no país no final do século XIX, com destaque para Paul Vidal de La Blache com sua visão possibilista da geografia, focalizada nas relações entre o homem e o meio natural.

Na França, baseada principalmente nos estudos de La Blache, deu-se a formação da escola geográfica, com ênfase nas relações entre as ações humanas ao longo do tempo e os elementos físicos na constituição da paisagem. Essa ideia interacionista, homem e meio, contribuiu para uma reforma da educação, dando maior ênfase ao ensino de Geografia nas escolas francesas, a transformando numa disciplina acadêmica.

De modo geral, a institucionalização da Geografia em universidades europeias também foi impulsionada para atender aos interesses dos Estados Modernos¹. Nos países europeus, a institucionalização escolar da Geografia estava relacionada aos interesses em conhecer o próprio território. Para outras leituras, ela também objetivava contribuir com o expansionismo europeu e a estruturação do capitalismo no mundo, além de veicular, por meio dos próprios conteúdos, princípios, valores e ideais de nacionalismo.

As descobertas geográficas na América, segundo Capel (1999), teve profundo impacto no pensamento europeu, na sua economia e nas relações geopolíticas com as colônias. De certa forma, a Geografia na América nasceu como um gênero que permitiu uma nova maneira de ver a questão das inter-relações entre diferentes reinos ultramarinos.

Evidencia-se assim, que as investidas a campo sempre fizeram parte da história epistemológica da Geografia, seja na diferenciação das áreas, no estudo do espaço, na descrição dos lugares ou nas relações homem e natureza.

Enquanto na Europa, principalmente na Alemanha e na França a Geografia já se encontrava sistematizada e presente nas universidades desde o século XIX no Brasil, essa institucionalização só veio ocorrer a partir de 1934 e 1935, com a fundação da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Brasil (UnB) e mais tarde a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), porém, Antes de ser objeto de desenvolvimento científico, a Geografia, no Brasil, se desenvolveu fazendo parte do currículo escolar.

Desde o início da colonização, várias foram as obras que registraram e descreveram o território brasileiro e que também contribuíram para que diversas representações do espaço fossem feitas. Para tanto, pode-se citar a obra de Manuel Aires de Casal, padre da Coroa

¹ O Estado Moderno surgiu a partir da fragmentação do sistema feudal no século XV, com o desenvolvimento do capitalismo mercantil registrado em Portugal, na França, Inglaterra e Espanha. Nas quatro nações, o Estado Moderno surge a partir da segunda metade do século XV e, posteriormente, é registrado também na Itália.

Portuguesa que, no Brasil, escreveu seu livro *Corografia Brasilis*², em 1817, com base em textos clássicos e em mapas produzidos nas províncias brasileiras e solicitados pela coroa portuguesa. Segundo Prado (1945), Casal é considerado o “pai” da Geografia brasileira por ter sido o primeiro a elaborar um quadro geográfico do país. Mesmo distante da fase da institucionalização da Geografia no Brasil, que só veio a ocorrer no início do século XX, ele contribuiu grandemente na história geográfica, relatando os lugares por onde passou com detalhamento e variedades de informações.

Mesmo antes da criação de seu sistema de ensino (1824), existia no Brasil uma Geografia difundida pelos manuais europeus que propalavam conteúdos de Geografia convencional. Os temas geográficos inseridos no currículo escolar brasileiro no final do século XIX enfatizavam a descrição do território e sua dimensão.

Segundo Castro (1993) as versões distintas de geógrafos e historiadores sobre a evolução do pensamento geográfico brasileiro foram escritas na segunda metade do século XX. O autor distingue duas geografias: uma que considerava como científica e restrita e outra, dominante na época, que caracterizava-se pela enumeração e memorização de lugares e acidentes físicos sem nenhuma intenção de “relacionar coisas”, já evidenciando o embate que prossegue até os dias de hoje no ensino da Geografia.

Mesmo com a institucionalização da Geografia, a partir de 1934, é possível, ainda, perceber no Brasil um ensino caracterizado por compêndios e pela ênfase na memorização de fatos e informações que refletiam a valorização dos conteúdos em si, sem levar, necessariamente a compreensão do espaço e as relações entre os fenômenos estudados. Sem análise comparativa, o ensino fragmentava o conhecimento; estudando a natureza sem a presença do homem, quantificando populações, representando lugares, regiões e territórios; descrevendo a economia sem relacionar as áreas de abastecimento, exagerando no enfoque mnemônico das aulas de Geografia.

A Geografia Francesa teve grande influência no pensamento geográfico brasileiro. O marco decisivo dessa influência foi a fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Chegados ao Brasil, Pierre Daffontaines e, logo após, Pierre Monbeig ministraram disciplinas no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, baseando-se nos ensinamentos de Paul Vidal de La Blache e Jean Brunhes, ensinavam seus conhecimentos. Monbeig e Daffontaines tiveram

² CASAL, Manuel Aires de. *Corografia brazilica, ou Relação histórico geográfica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Majestade Fidelissima por hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato*. Tomo I. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817a

atuação decisiva na formação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) criada em 1934, com papel decisivo no treinamento de jovens geógrafos brasileiros em pesquisa de campo.

Para Monbeig (1940), o campo constitui uma das especificidades essenciais da Geografia. Ao assumir uma postura renovadora desde as suas primeiras resenhas públicas, Monbeig, propõe programas de cursos que diferem das linhas disciplinares tradicionais. Suas obras (1940, 1945, 1957, 1969, 1984) destacaram a importância do Trabalho de Campo para a Geografia, ressaltando os aspectos observáveis e vividos pelo geógrafo na prática empírica, características fundamentais na compreensão dos modos e gêneros de vida, elementos básicos da Geografia Francesa sobre as quais foram construídos conceitos que permitiam uma análise geográfica profunda das relações estabelecidas no território brasileiro.

A categoria de análise na obra de Monbeig centra-se no estudo da paisagem, em seus aspectos naturais e culturais:

Ver como a paisagem é reflexo da civilização, tal é uma das principais tarefas do geógrafo; é um trabalho de análise que ele precisa fazer para distinguir o que provém do solo, do clima e também da técnica agrícola, da organização social. A análise da paisagem apresenta-se como um jogo de quebra-cabeças; mas, enquanto o jogo se torna logo fastidioso, é apaixonante o estudo da paisagem: apaixonante porque nos põe em contato com a humilde tarefa quotidiana e milenar das sociedades humanas; ela mostra o homem lutando sem cessar para aperfeiçoar-se. (MOMBEIG, 1940, p. 248).

Para Monbeig (1940), não existia trabalho científico em Geografia sem o trabalho de pesquisa de campo. O geógrafo deveria ser capaz de perceber a mistura dos traços físicos sobre o terreno, a ligação com a vida vegetal e animal, bem como as marcas da ação humana. “O professor de Geografia precisava ir além de uma descrição empírica”. Seu estudo não negligencia o caráter explicativo da Geografia, isto é, vai além da descrição empírica. A análise da paisagem deve ser prioridade, sem correr o risco de reduzi-la à análise do visível.

Monbeig (1940) contribuiu com a proposição de três procedimentos básicos para o ensino da geografia, sendo o primeiro deles a localização dos fenômenos geográficos; o segundo, a descrição e o terceiro a comparação. Depois de localizar e descrever, a geografia compara, sendo o procedimento principal do geógrafo a observação. A partir da qual, descreve o que vê, e estabelece relação com outras paisagens ou fenômenos.

Segundo Monbeig (1945), o método comparativo faz perceber a transformação das “coisas” e da sociedade, ressaltando sempre a capacidade de observar, isto é, permite assinalar que existem casos análogos, mas nunca casos perfeitamente idênticos, podendo haver a multiplicidade das causas e de seus efeitos.

Dessa maneira, os estudos de enfoque regional realizados por Monbeig (1984), com destacado trabalho de campo no estudo da cafeicultura paulista e sobre as franjas pioneiras no Estado do Paraná, fez com que sugerisse novos conceitos e análise da realidade brasileira. No livro “Pioneiros e Fazendeiros do Café”, (1984), sua tese de doutorado, desenvolvida no Brasil e defendida na França, descreve a transformação da paisagem rural no Estado de São Paulo, considerando os aspectos físicos como modeladores. Destaca, também, a imigração europeia, principal causador dessa transformação, esforçando-se para classificar o tipo de população e sua influência no meio físico, sendo também a busca pelo entendimento das regiões culturais, uma marca da sua trajetória científica.

Para Monbeig, as práticas modernas do ensino de Geografia no Brasil necessitavam ser implementadas com base na teoria do conhecimento do espaço geográfico. A aula de campo vem ao encontro do estudo da realidade em uma totalidade complexa, sendo possível ver todas as suas partes. Tal complexidade se expressa pelos elementos naturais e pela presença do homem como transformador. O Trabalho de Campo, nessa perspectiva, toma importância ao fazer a análise da inter-relação entre esses elementos, norteando a descrição da paisagem e a análise da interferência antrópica no ambiente, propiciando a compreensão das contradições nela existentes.

Pierre Monbeig (1957) considera que o estudo da paisagem é essencial para a pesquisa geográfica: “É preciso analisar, identificar e se possível sentir a inter-relação existente entre os aspectos físicos e humanos”.

Outro autor que se destacou na teoria e prática sobre o Trabalho de Campo foi Hilgard O'Reilly Sternberg, vinculado à Escola geográfica norte-americana. Para Sternberg (1946), o desenvolvimento da pedagogia educacional e as exigências feitas pelas escolas mostraram o grande número de defeitos da Escola Antiga, destacando o seu caráter de enumeração e memorização. Em seus relatos, duas transformações concorreram para modificar o ensino da geografia: a pedagogia que, age também sobre as demais disciplinas e a do próprio conhecimento geográfico. Sternberg (1946) admitiu, por um instante, que a Geografia não tivesse evoluído:

[...] a Moderna Pedagogia tomaria a si a responsabilidade de condenar a memorização de longas listas de nomes, ante aos ditames da Pedagogia, os professores de geografia, caso subsistisse tão árida e estéril disciplina, seriam levados a amenizar o ensino. Porém, admito digno de nota o paralelismo que marca essa dupla evolução, [...] a Nova Geografia, mais explicativa, mais atraente, mais didática em suma, por si só, oferecia maior facilidade em ser transmitida aos alunos. (STERNBERG, 1946, p. 66).

Sternberg em 1946 já salientava que ensinar Geografia como era ensinado em 1846, era “pecar” contra a disciplina, deturpando-lhe o conteúdo, e que não considerar a pedagogia era desprezar seus ensinamentos. Esse autor enfatizava que era necessário unir os campos dos conhecimentos para obter bons resultados. Nessa época, já propunha como técnica, fazer uso de materiais didáticos como blocos de gesso onde era possível reproduzir o ciclo vital das águas e a sua atividade erosiva, agrupando feições topográficas com um critério de justaposição de altitudes. O que se objetivava era tornar a geografia ativa, real e explicativa, o que, ainda é um desafio para os professores até os dias atuais. O material didático de que se utilizava não se destinava exclusivamente a substituir a realidade geográfica, mas sim, facilitar a compreensão e a aprendizagem através de instrumentos.

Entende-se que quando se está em contato direto com o objeto, lançando mão de técnicas acessíveis, é possível se envolver muito mais e entender o significado dos conceitos estudados.

Quando o aluno entende o que está sendo estudado ele atribui significados e tem uma compreensão maior dos aspectos geográficos envolvidos. Para Monbeig (1957), a paisagem não é apenas algo que pode ser sentida e observada, não se pode restringir à mera descrição quando o que se objetiva é alcançar o Complexo Geográfico³, deve-se, portanto, considerar as interferências e as relações estabelecidas pela sociedade junto ao espaço físico.

Monbeig (1957) alertava que o ensino de Geografia não pode ser reduzido à mera descrição ou enumeração de dados:

A limitação do campo de estudo geográfico à paisagem arrisca a levar o pesquisador à única estrada da descrição. Ele olha, observa minuciosamente com perfeito espírito científico, mas tende a esquecer do essencial: a explicação. Satisfaz-se em ser excelente máquina fotográfica e, nesse jogo atraente, prende-se menos à análise dos processos do que à sua descrição. Passa ao lado dos problemas, pois, submerso pela massa dos fatos observados, já não pode distingui-

³ A concepção de Geografia de Monbeig se baseia na noção que tem de complexo geográfico. Fortemente inspirado nas formulações lablachianas de meio e gênero de vida, além do entendimento que tem de fato geográfico – análogo ao fato histórico -, a Geografia monbeigiana tem como objetivo mostrar que esta ciência ultrapassa a descrição e dá conta também de explicar sob que contingências se estabelecem a relação entre o homem e a natureza, ou melhor, em que medida os elementos da natureza condicionam a ação do homem. Segundo ele, as explicações devem ser buscadas nas condições do meio.

los com clareza. A paisagem é um ponto de partida, mas não um fim. Resulta do complexo geográfico, sem confundir-se com ele. (MONBEIG, 1957 p. 12).

O Trabalho de Campo geográfico deve ter o compromisso de verificar na realidade algo que já foi estudado anteriormente em sala de aula, com a possibilidade de ampliar as discussões e a abertura de novas reflexões e questionamentos, podendo também ser o reconhecimento de um problema.

Desenvolver um Trabalho de Campo com ênfase, por exemplo, no conceito da paisagem, em que, tradicionalmente, se designa o domínio do visível, do aparente, de tudo que a visão alcança e daquilo que é vivido com todos os nossos sentidos é proporcionar ao aluno uma aproximação com o concreto. É permitir que ele construa significados e estabeleça relação com a realidade vivida e não somente assistida, sendo mais fácil a interpretação, leitura e escolha das opções que deve-se fazer ao se deparar com questões que envolvem o espaço urbano, espaço rural, dentre outros.

O Aluno, tendo a possibilidade de observar a paisagem como parte integrante dela, identificando suas transformações, sua dinâmica, terá a contribuição tanto para sua formação escolar quanto para sua inserção ativa na sociedade, reconhecendo o processo sobre o qual deverá opinar, responsabilizar-se, enfim, contribuir.

A perspectiva de trabalhar a Geografia de forma descritiva e analítica pressupõe uma concepção moderna do ensino. Portanto, é fundamental que os professores tenham uma boa formação para que possam enfrentar os desafios do ensino sugerido nas últimas reformas educacionais.

As lacunas encontradas na formação dos docentes e a falta de organização e observação nas atividades curriculares da escola geram dificuldades em lidar com as metodologias de aprendizagens considerando a complexidade do Trabalho de Campo no ensino de geografia, tornando difícil sua realização.

Para Monbeig (1945), algumas observações precisam ser feitas para a organização do Trabalho de Campo escolar:

- O planejamento adequado, com destaques para a justificativa dessa prática, os objetivos propostos, a metodologia empregada, o cronograma das atividades e exposição de resultados, considerando a efetivação de aprendizagem. É importante lembrar que os alunos têm que cumprir outras obrigações disciplinares. Eles não são somente alunos de Geografia, fazem parte de um complexo de aprendizagem e, por isso, a organização do tempo disponível e a objetividade nas tarefas serão imprescindíveis para o sucesso da prática de campo:

▪ A disponibilidade de recursos específicos para as aulas práticas, a exemplo: o cálculo das despesas prováveis decorrentes de atividades, os recursos financeiros para deslocamento do grupo, locação do meio de transporte, alimentação, caso o trabalho se estenda por muito tempo; instrumentos como pranchetas, mapas indicando a localização e coordenadas, canetas, máquinas fotográficas, aparelhos de proteção individual como luvas, botas, óculos, roupas adequadas, segundo a complexidade da atividade e necessidade de cada aluno, como kits de primeiros socorros, protetores solar, acessibilidade, considerando-se aí a importância de se desenvolver uma atividade de campo inclusiva.

As representações do mundo a partir dos mapas, do uso de imagens de satélite, de ilustrações, fotografias, textos, croquis, dentre outros instrumentais utilizados pela Geografia, mesmo amparada nas teorias modernas, pode-se mostrar convencional se o professor não lançar mão de metodologias distintas da simples exposição de conteúdo.

Conforme alerta Pessoa (2007), a abordagem metodológica “convencional”, apresenta conteúdos desvinculados da realidade dos alunos e com abordagens fragmentadas, como enumeração de dados e memorização, não contribuindo para a assimilação do conhecimento geográfico. Segundo esse autor, em consonância com Monbeig (1945), os estudos geográficos não podem se valer de fatos isolados.

Para adotar, em sala de aula, procedimentos metodológicos que auxiliem o aluno em seu processo de aprendizagem, os professores devem conhecer a Geografia, suas linhas teóricas, suas metodologias de trabalho, além de entender o desenvolvimento cognitivo dos alunos de modo a sugerir atividades que eles consigam realizar; propor atividades que desenvolva o raciocínio geográfico, de diferentes pontos de vista, do concreto para o abstrato, do próximo para o distante, do opaco para o translúcido, sem a necessidade de transformar tais procedimentos em “camisa de força”.

Como proposta de compreensão e leitura do espaço geográfico, a aula de campo pode despertar o interesse dos alunos para estabelecer relações do conhecimento teórico-expositivo, com o conhecimento observado na paisagem, contribuindo para sua aprendizagem e leitura.

Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (2008), doravante DCE, referenciadas na produção geográfica de Milton Santos, e uma das concepções de ensino e Trabalho de Campo em geografia, o objeto de estudo da dessa disciplina é o espaço geográfico. Tal espaço é entendido como o espaço produzido e apropriado pela sociedade, composto pela inter-relação entre sistemas de objetos e sistemas

de ações, portanto, um recurso que deve ser utilizado quando possível é a aula de campo, pois propicia ao aluno a fixação dos conteúdos.

A aula de campo deverá organizar-se a partir de procedimentos metodológicos que favoreçam a leitura e análise do espaço urbano ou rural, considerando a diferenciação entre paisagem e espaço geográfico. Parte-se de uma realidade geográfica local, bem delimitada para investigar a sua constituição histórica e para estabelecer relações de comparação com outros lugares, próximos ou distantes.

Assim sendo, para as DCE (2008), a aula de campo permite ao aluno vivenciar tudo aquilo que até então era abstrato a ele, Depois de, teoricamente, entender os conteúdos geográficos, conseguirá, através da aula de campo, trabalhar a escala local, levando o educando a conhecer o lugar onde se vive, possibilitando desenvolver algumas habilidades como a observação dos elementos que compõe a paisagem, o registro, a representação, a leitura e análise e a opção entre uma alternativa e outra. Além disso, a aula de campo deve também ter como finalidade relacionar de maneira sistêmica, tanto os aspectos físicos quanto os humanos do espaço geográfico, considerando as escalas local, regional, nacional e internacional.

4 NATUREZA DO TRABALHO DE CAMPO

Segundo Sternberg (1946), as descrições modernas e mais úteis da Geografia resultam no fazer compreender e não apenas, descrever a Terra, mesmo que a região já tenha sido estudada por outras ciências e suas informações disponibilizadas, o papel da Geografia não pode prescindir da pesquisa original do próprio geógrafo, isto é o geógrafo faria a verificação minuciosa dos trabalhos das outras ciências, citadas pelo autor como “periféricas” e levantaria os pormenores tratados superficialmente, procurando, *in loco*⁴, correlacionar os fenômenos até então tomados isoladamente, cabendo a ele a responsabilidade integral dos estudos necessários. A correlação dos estudos é indispensável para a Geografia, seja para relacionar com problemas reais ou para estudar a independência dos fenômenos estudados. Esse é o objetivo didático do Trabalho de Campo na Geografia.

Para facilitar o entendimento, Sternberg (1946), destaca algumas modalidades do Trabalho de Campo, considerando as condições que regula sua natureza, como também, o nível que desenvolve, podendo assim, apresentar trabalhos geográficos de pura pesquisa ou com finalidades didáticas, possibilitando até combinar as duas modalidades. As saídas para pesquisas que podem ser de natureza utilitarista com objetivos econômicos, como exemplo, a prospecção em áreas para se extrair recursos minerais, ou puramente de natureza científica.

No caso das saídas de campo com a finalidade didática os trabalhos variarão de acordo com o grau, indo de principiante a graduado. De acordo com o ponto de vista, poderão assumir atitudes analíticas, de tal modo, dá ênfase à Geografia Física ou Econômica ou, ainda, de cunho sintético dentro dos moldes da Geografia Regional, podendo assumir planos distintos:

Assim o estudo da Geografia histórica, não se contentando com as informações de bibliotecas e arquivos, procura comparar, no terreno, as descrições antigas da região e de suas atividades características com a paisagem cultural do presente. Investiga a localização antiga das habitações, das linhas da comunicação, das florestas, dos campos de cultivos, procurando discernir, através dos traços da paisagem atual, todo o complexo geográfico do passado. Encara esse prisma, a Geografia histórica e, no dizer de Sauer, uma verdadeira Geografia humana genética, (STERNBERG, 1946 p.15).

É claro que se a pesquisa for feita, com vista nos problemas econômicos, os fatos de seu interesse diferirão daqueles que se veem na Geografia Histórica ou na Geografia Física,

⁴ *In loco* é uma expressão em latim, que significa "no lugar" ou "no próprio local" e é equivalente à expressão *in situ*.

considerando seus objetivos e interesses. Porém, as forças que operam na Geografia, levando-se em consideração com o Trabalho de Campo, não podem ser simples atividades pragmáticas, servindo a interesses individuais; elas precisam ser atividades de correlações e de significados.

O Trabalho de Campo desarticulado da pesquisa é praticamente impossível. Seria como desconsiderar conceitualmente a importância dessa prática, a despeito das inovações tecnológicas de informação, procurando buscar respostas sem a aproximação do real.

A pesquisa em Geografia permite identificar os conflitos e as reações sociais existentes. As dificuldades apresentadas pelos professores com relação ao aprendizado dos seus alunos indicam a necessidade de explorar mais a relação da pesquisa no âmbito escolar. Os estudos bibliográficos, por si só, não priorizam um maior conhecimento; as práticas de laboratórios, manuseando equipamentos sofisticados não são capazes de transformar ou reorganizar o pensamento escolar por completo.

Muitos professores possuem representações sobre pesquisas fortemente marcadas pela conotação acadêmica onde a pesquisa é algo a se desenvolver exclusivamente nas universidades; e que a escola, é simplesmente, um ambiente de pura prática da leitura e de repasse das experiências vividas na academia, privando os alunos das experiências que o educador viveu no seu processo de formação, o que chamamos de conteudismo ou formalismo.

Portanto se os professores quiserem assumir a responsabilidade da sua própria prática, devem passar a fazer pesquisas. O hábito de investigar gera um olhar mais apurado para o sistema escolar, para a organização do trabalho docente, para o currículo, enfim, para os parâmetros legais que regem o funcionamento da escola e das disciplinas escolares. Entretanto, alguns fatores condicionantes impedem que os professores do Ensino Fundamental e Médio façam pesquisas: as condições de trabalho e as atribuições impostas a eles, principalmente, a falta de conhecimento suficiente para compreender de fato o que é pesquisa e o seu real papel na educação, os desestimulam. O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico desfruta mais do processo de ensino aprendizagem, e tira desse processo sua matéria prima, seja para um artigo, um livro ou uma dissertação.

4.1 Planejamento, organização e realização do Trabalho de Campo.

A execução do Trabalho de Campo nas atividades escolares, não diferencia tanto das técnicas utilizadas por Sternberg (1946), em suas pesquisas, e envolve, de modo geral, diversas etapas que seguem-se:

Sternberg (1946) descreve as etapas para a realização do Trabalho de Campo:

- Planejamento pedagógico: as atividades de Trabalho de Campo devem constar na proposta pedagógica da disciplina de geografia para a escola e devem ser incluídas no planejamento do professor no início do ano letivo, Por isso observar os rumos da organização escolar e do planejamento curricular é de suma importância para desenvolver um Trabalho de Campo significativo.

Nessa etapa o professor organizará os objetivos do trabalho, estipulará o cronograma para implementação, determinará o que estudar, porque estudar e como estudar, bem como, selecionará a classe ou alunado envolvido, considerando o conteúdo proposto.

O planejamento de Trabalho de Campo em geografia organizado por meio de projeto interdisciplinar poderá favorecer sua efetivação, proporcionando a troca de experiências entre as disciplinas, considerando os conhecimentos explorados por elas.

- Elaboração de programas e providências preliminares: essa etapa envolve a logística para a saída da escola, como a viabilização de recursos financeiros, a permissão dos pais, a preparação psicológica dos alunos, a contratação ou reserva de transporte, a presença de coordenadores, professores de Geografia e, se possível, de outras áreas do conhecimento, o local do trabalho e o tempo que se deve levar para as observações, a divisão de equipes para os relatórios e para sistematização.

- Preparação técnica: para a realização do Trabalho de Campo a preparação técnica se destaca na excursão prévia à área que se pretende estudar; o melhor meio de percorrer a área onde se deve caminhar, o itinerário mais prático para se chegar ao local e a definição dos materiais necessários à atividade de campo, auxiliando o professor a delimitar com maior segurança os objetivos do trabalho.

É necessária a escolha justificada de um local ou região para o âmbito do Trabalho de Campo, podendo ter como base uma leitura econômica, ambiental, política ou social, correlacionadas às atividades de sala de aula.

Independente da modalidade de Trabalho de Campo que se pretende realizar é sempre necessário que os alunos tenham em mãos os equipamentos técnicos individuais

como caderno de notas, lápis ou caneta para anotações e ilustrações e máquina fotográfica para registro de imagens. Os materiais instrumentais, que podem ser de uso coletivo, são as cartas topográficas, a bússola e o GPS⁵ (Sistema de Posicionamento Global), instrumentos indispensáveis para a orientação e a localização da área e dos fenômenos e os mapas, que dependendo da área a pesquisar pode ser recortados em seções para facilitar a distribuição do estudo do local pelos alunos.

Segundo Sternberg (1946), há uma corrente distinta ao modo de realizar o Trabalho de Campo. Alguns pesquisadores preferem aproximar-se dos problemas da região sem prévio conhecimento, a fim de evitar qualquer possibilidade de opinião antecipada. Talvez para pesquisas científicas mais elaboradas, que exijam uma formação mais intelectualizada, seja possível a não realização da visita prévia. O mesmo não pode acontecer, na opinião desse mesmo autor, quando se trata de estudantes, que dependendo da turma, caberá ao professor julgar necessário o conhecimento prévio ou não da área a ser estudada. Porém a ausência de uma preparação adequada para a execução do Trabalho de Campo pode ser a causa dos problemas que ocorrem na realização do mesmo.

Monbeig (1954) destaca que ao realizar esta avaliação, considerando o público alvo do Ensino fundamental e Médio, são indispensáveis a preparação técnica, a visitação prévia e o planejamento, pois ela permite prever boa parte dos problemas que possam surgir durante a excursão projetada,

As Diretrizes Curriculares Estaduais (2008) indicam que:

Para organizar uma aula de campo, o professor delimitará previamente o trajeto, de acordo com os objetivos a serem alcançados e estabelecerá os contatos com possíveis entrevistados, quando for o caso. Feito isso, deverá explicar detalhadamente como será cada etapa do mesmo e deixar claro quais os objetivos a serem atingidos com o trabalho. (PARANÁ, 2008, p.81).

Entre os preparos técnicos pedagógicos, Sternberg (1946) salienta alguns, como a leitura de estudos fisiográficos, isto é, aspectos ou características físicas da paisagem, representação ou detalhamento da natureza (vegetação, recursos hídricos e relevo), tomar nota preliminar e obter informações das condições do campo que vai encontrar, e se for o caso, estudar referências da área em folhetos ilustrativos.

Sternberg (1946) salienta que “ainda que o professor julgue contraprucedente um estudo prévio do material relacionado com a área, não se pode haver dúvida de que os alunos devem enfrentar a região com o necessário preparo metodológico”.

⁵ GPS – Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global)

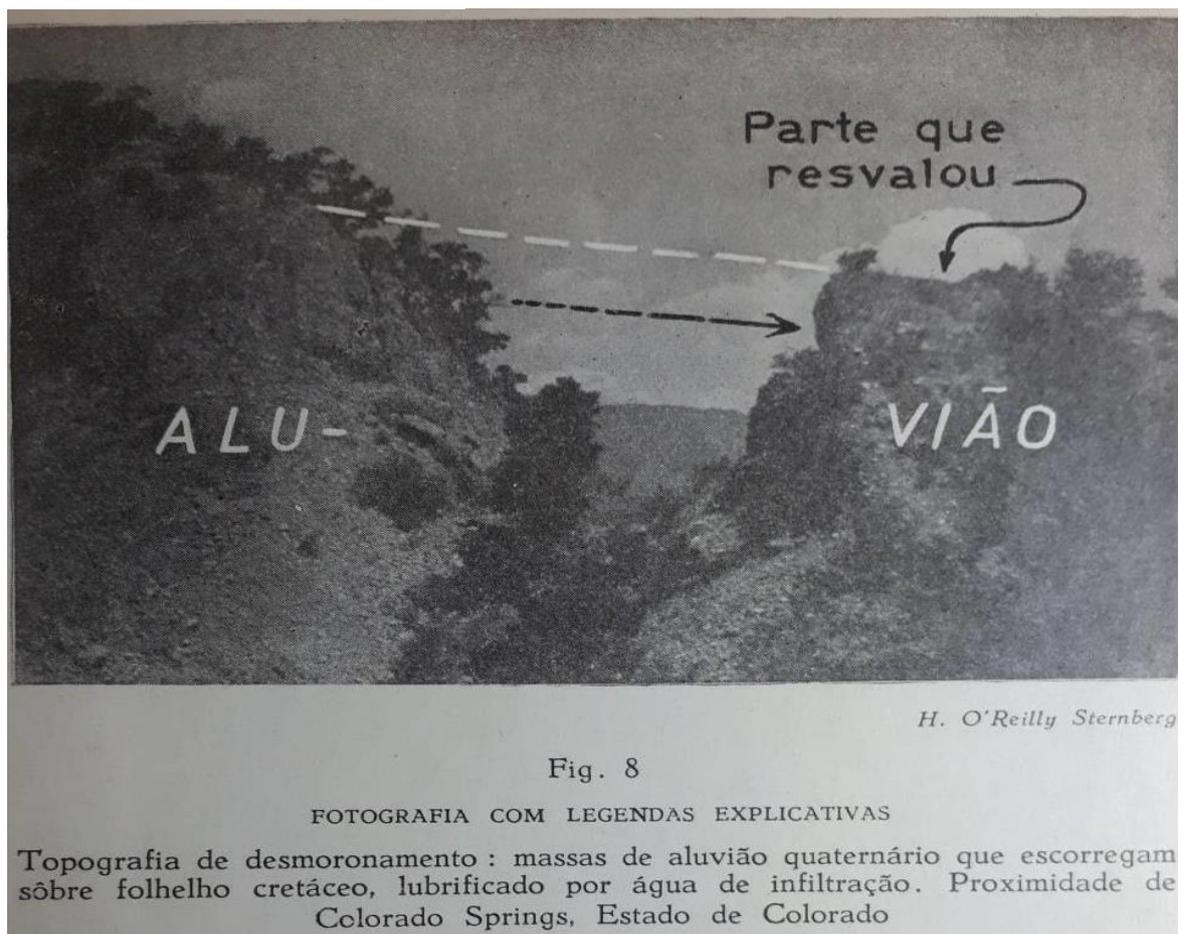
Esse autor enfatiza que é necessário ir a campo com conhecimento necessário. O fato é que os estudantes devem estar preparados psicologicamente para empreender o Trabalho de Campo, não como atividades recreativas; devem, de antemão, conhecer os objetivos gerais e serem aguçados na curiosidade.

- Observação: Como “reconhecimento inicial”, Sternberg (1946) recomenda “subida na colina” para observação e anotação das primeiras impressões, bem como a delimitação da área. Algumas “normas a seguir” são importantes para o bom andamento dos trabalhos e destacam-se na não generalizar da área a estudar e na reserva de tempo suficiente para reflexão e observação dos fatores geográficos e “não geográficos”, tendo cuidado para não se impressionar e registrar somente as questões *anormais* da paisagem.

Segundo esse autor “Cabe, também, ao professor canalizar as observações dos estudantes para a busca daquilo que é típico”. Por isso é indispensável a lista dos “fatos a observar”, o que estimula a observação do maior número de formas integrantes da paisagem, tendo como exemplo: a topografia do lugar, a hidrografia, os recursos minerais, se necessário, as condições do tempo e o clima do lugar, a vegetação, as características da população, bem como as atividades econômicas que se desenvolvem no local.

- Registro: O registro sistematizado das observações de campo evidencia a existência de categorias de realidades a anotar. Os registros na atualidade podem ser mais precisos com máquina fotográfica de alta precisão, interpretativo pelas descrições realizadas. Porém é importante que o observador não se prenda aos olhares das lentes, mas, observe, problematize questões, descreva, desenhe e explore com intensidade o caderno de campo com suas anotações.

Figura 1 - Fotografia com legenda



Fonte: Hilgard O'Reilly Sternberg (1946, p. 51) – Exemplo de registro de Trabalho de Campo.

Note que Sternberg (1946) usou a fotografia (figura 1) para registrar a fase de um processo natural de transformação do relevo. Se as fases de um processo de transformação da paisagem se sucederem rapidamente, poderá ser registrado o desenrolar de uma série ininterrupta de aspectos consecutivos, a qual permitirá ao observador a interpretação dos fatos naturais ou culturais de um local ou uma região, como exemplo temos as figuras 24 e 25 da página 64, em que registrou-se a sequência da atividade erosiva no roteiro de Trabalho de Campo o qual iremos relatar mais adiante.

Sternberg (1946) salienta que as anotações, mesmo que sejam em folhas de papel, devem ser realizadas *in loco*, pois, podem se tornar confusas ao serem deixadas para posterior sistematização. As etapas de observação e de registro devem ser efetuadas no campo, porém, a descrição e a correlação dos elementos da paisagem podem ser feitas no “gabinete” considerando as sistematizações necessárias.

A necessidade de obter maior número de informações no Trabalho de campo acrescenta a caderneta de campo como um instrumento primordial e tradicional de registros

de informações dos geógrafos e também dos antropólogos, biólogos, geólogos, botânicos, etc.

Lopes e Pontuschka (2010) confirmam que para o registro, o caderno de campo desempenha funções didáticas e pedagógicas fundamentais em todas as etapas da realização do ou estudo do meio e é indispensável, pois nele os participantes da atividade de campo devem facilmente encontrar as principais instruções relativas à coleta de dados e informações para a sistematização dos trabalhos. Os registros podem ser escritos, desenhos, esquemas, também podem conter os roteiros de observação dos lugares a serem estudados. Com anotação *in loco* o registro pode se tornar mais fiel e preciso e deve se tomar nota na ordem em que vão sendo feitas as observações.

Vale ressaltar que a função didática- pedagógica desempenhada pelo caderno de pesquisa de campo torna-se mais especial ainda se considerarmos sua realização na educação básica. As características e o estágio do desenvolvimento cognitivo dos alunos desse nível de ensino, considerando inclusive as diferenças que existem entre as diversas séries, evidenciam, mais uma vez, sua importância e pertinência. Entendemos que a participação ativa dos alunos no processo de elaboração e manejo do caderno de campo é um fator que joga a favor do despertar do seu espírito investigativo e crítico. (LOPES e PONTUSCHKA, 2010, p. 24).

Nas pesquisas universitárias de formação de geógrafos, Monbeig (1952) defendia que poderia ser bastante proveitosa a descrição analítica de uma região, separando a realidade em descrições físicas, informações técnicas, dados estatísticos sociais e econômicos. Salienta também, que o mais importante seria a dedicação a erigir uma compreensão dos processos que relacionam essas “peças”, saindo da mera descrição de lugares e dados e, passando a uma verdadeira atitude científica de explicação, necessária tanto à pesquisa quanto ao ensino de Geografia.

Monbeig (1956) salienta que em todas as séries escolares, o professor de Geografia deve desenvolver nos alunos o espírito de observação e leitura da paisagem. O aluno deve ser exercitado progressivamente a localizar com precisão e descrever aquilo que lhe é observado. Mesmo, nas séries iniciais, essa técnica deve ser experimentada, pois percebe-se que nessas séries, os resultados das análises e dos trabalhos desenvolvidos ainda são modestos, não expõem com clareza as relações existentes entre os diferentes fatos observados, isto porque, segundo o autor, as faculdades de raciocínio dos alunos das séries iniciais são ainda, extremamente limitadas.

Nesse grau de raciocínio, o papel do professor de Geografia assemelha-se ao de professor de línguas, que ainda não pretende de seus alunos comentários literários,

mas pedelhes, sobretudo, o exercício de redação elementar, descrições e narrativas. Ora, o menino dotado de mais imaginação do que de raciocínio presta atenção às cousas pequenas, aos pormenores secundários, negligenciando as grandes linhas e raramente sendo capaz de abranger o conjunto à primeira vista (MONBEIG, 1956, p.17).

A faixa etária de adolescentes, com a qual desenvolveram-se os trabalhos de campo, os quais relataremos adiante, não permite uma análise profunda dos aspectos a serem observados, o qual envolve o levantamento minucioso de informações, observação e registro. No entanto, mesmo que a intenção não seja de preparar pequenos geógrafos, o professor precisa despertar o espírito crítico nos alunos e essa condução precisa ser feita com coordenação e organização. Portanto ninguém pode improvisar “ser professor” e, muito menos, tomar conclusões precipitadas sobre como os alunos vão absorver o conhecimento.

O bom professor de Geografia deve conduzir progressivamente o aluno a adquirir uma visão de conjunto, completada pela precisão da observação e descrição. Os alunos novos ainda não possuem essa abstração, entretanto, conforme seu amadurecimento intelectual pode-se esperar deles documentos mais complexos e observações mais precisas. Monbeig (1956) salienta que, “conhece-se o bom professor pela sua arte de graduar as dificuldades e em saber adaptar o ensino à idade mental e à qualidade de seus alunos”.

Com a graduação universitária, vem o espírito crítico em exercitar a escolha dos dados a observar e ao mesmo tempo a prática de relacionar os fatos observados podendo até compreender os “complexos geográficos”. Entretanto, no ensino básico, cabe ao professor fazer essa ligação usando métodos dirigidos ou semidirigidos na pesquisa, induzindo à necessidade de observação, registro e representação.

Levando em conta esse importante instrumento, foi organizado um exemplar de caderno de campo para esse roteiro. Como os cadernos de campo são muito variados, optou-se por explorar de modo empírico indutivo a observação e interpretação das paisagens naturais ou humanizadas.

Um modelo de caderneta de campo para registro dos fenômenos foi utilizado pelo grupo, contendo uma capa de identificação da escola e dos alunos, espaço para ilustrações, espaço para data e local da visita e demais campos, induzindo ou facilitando as descrições das observações, material este que consta no apêndice dessa dissertação.

Enfim, as instruções para a realização do trabalho de campo devem ser apresentadas e discutidas em sala de aula, o professor deverá preparar os alunos, por meio de leitura de textos comparativos e análise das informações captadas para a sistematização do que foi

visto em campo e para produção do material, visando à exposição para a comunidade escolar e, se possível, em artigos de revistas ou capítulo de livros.

Venturi (2011) destaca que para a estruturação do Trabalho de Campo, a organização no gabinete é muito importante. O trabalho de gabinete é utilizado para o planejamento e preparação do Trabalho de Campo, isto é no planejamento das ações baseadas no conhecimento prévio da área de estudo, o laboratório é o lugar de sistematização das informações colhidas no campo e o campo representa o contato direto com a realidade, seja como extensão da sala de aula, seja para realização da pesquisa científica que pode ser intermediada pelo uso de técnicas e instrumentalização. Esse autor enfatiza que as aulas de campo podem ocorrer em qualquer ambiente.

No caso do Trabalho de Campo de caráter didático os resultados podem ser expostos, representando um estímulo ao estudante que viu, observou e registrou. Segundo Sternberg (1946), como já foi ressaltado, inúmeros são os tipos de trabalhos de campo, que vão desde aqueles de pura pesquisa até aqueles com finalidades apenas didáticas. Outros com finalidades utilitaristas, tendo em vista objetivos econômicos e também outros de natureza especulativa, com objetivos puramente científicos. O interesse nesta dissertação é focar o trabalho de campo com finalidades didáticas, voltadas ao ensino de Geografia no Ensino Fundamental e Médio.

Independente da sua natureza, o que mais aumenta o interesse dos alunos são os Trabalhos de Campo que correlacionam às atividades escolares com problemas reais, o que aumenta a compreensão dos conteúdos estudados pela Geografia, durante as aulas.

Para o bom desempenho e resultado de um Trabalho de Campo todas as etapas devem estar claras para os alunos, e cada assunto deverá ser tratado de forma distinta.

O fato é que os estudantes devem estar preparados para entender o Trabalho de Campo. Sternberg (1946) em seu livro: *Contribuição ao Estudo da Geografia*, afirma que os alunos “Devem entender que a excursão a ser empreendida não é uma atividade recreativa (...), devem de antemão conhecer os objetivos gerais”.

Via de regra, os campos são realizados em espaços geográficos planejados como parques, museus, áreas de conservação, indústrias, espaços públicos (ruas, avenidas, vilas, bairros, dentre outros).

Nesta pesquisa abordar-se-ão as temáticas relacionadas às atividades de sala de aula, isto é, as temáticas que envolvem aspectos pedagógicos, bem como, roteiros de orientação para o desenvolvimento das atividades, necessários no processo avaliativo, sempre levando em conta que a difusão do conhecimento, baseado nas atividades de trabalho de campo, deve

envolver o planejamento, organização e a preparação didática do professor para com seus alunos.

AB'SABER (2007) relata que a importância do Trabalho de Campo e a interdisciplinaridade são as primeiras considerações levantadas por ele na formação do geógrafo. Ab'Saber destaca a formação do olhar do geógrafo nas relações entre a realidade das paisagens vivenciadas e as teorias aprendidas nas aulas da universidade através das primeiras excursões. Além disso, o diálogo com antropólogos, botânicos, cientistas sociais, geólogos e historiadores é outra importante característica do grande profissional. Retrata a importância da escala de tempo, cuja paisagem apresenta redutos de tempos passados, e suas análises facilitam a compreensão do processo de constituição da paisagem. Destacando a importância da estrutura superficial da paisagem no método de interpretação das formas de relevo, a relação entre a geografia e o planejamento, o aspecto humanístico e social e o linguajar didático que se aproxima da realidade estudada e do cotidiano dos alunos.

Enfim, a prática do Trabalho de Campo nas aulas de Geografia é um importante aliado do professor, pois contribui para um olhar mais aprofundado dos estudantes aos conhecimentos geográficos. Tal prática é de grande importância porque efetiva uma formação sólida e significativa ao longo da escolaridade, como meio para compreender gradualmente a paisagem e a complexidade do espaço geográfico.

Através de atividades que envolvem identificação *in loco* e interpretação de fenômenos estudados em sala de aula, nas diversas áreas do conhecimento, o uso da metodologia de Trabalhos de Campo possibilita promover o desenvolvimento e aprimoramento de procedimentos de pesquisa, componente fundamental dos conhecimentos em qualquer disciplina. A utilização dessa metodologia como recurso didático permite a iniciação à investigação científica e ao manuseio de certos instrumentos como cartas, mapas, croquis, bússolas, GPS, dentre outros, que têm papel fundamental no fazer geográfico, cujo domínio contribui para a construção da autonomia educacional do estudante e também a reconstituição de conceitos não experimentados.

O Trabalho de Campo em Geografia precisa aparecer para o estudante como uma prática próxima do seu convívio e se isso não ocorrer o interesse não acontece. O professor precisa procurar sistematizar os conhecimentos indispensáveis à observação. Para isso, é necessário que ilustre a sua argumentação, prepare psicologicamente seus alunos, organize a excursão, instrua para observações dirigidas, posicione o observador para captação de detalhes do campo, e por fim, oriente na elaboração de relatórios.

Para vencer os obstáculos é preciso subdividir as dificuldades, sendo necessário distinguir a parte física da humana e ao mesmo tempo integrá-las. Dependendo do caso, analisar a topografia da região, as águas correntes, a fauna e flora da zona em questão e o processo de construção e transformação social intrínsecos, salientando sempre que é preciso de antemão saber exatamente o que observar.

Lembrando sempre que o objetivo básico de uma excursão de caráter geográfico deve repousar sobre a interpretação da paisagem, procurando fazer com que alunos cheguem à compreensão do arranjo espacial, mostrando-lhes o quadro geográfico dentro de sua própria complexidade, procurando traçar um roteiro de excursão onde apareçam os elementos fundamentais na organização do espaço.

O trabalho de campo deve proporcionar o convívio com a realidade dentro e fora do espaço escolar. Previamente organizadas, as excursões de campo devem instigar os alunos para que os mesmos possam problematizar o que vão ver e para que reflitam acerca do que vão observar, permitindo a análise da integração entre os fenômenos naturais e sociais que se inter cruzam na realidade do campo, sendo esses indissociáveis.

O Trabalho de Campo, além de contribuir com o aprendizado dos alunos, pode ainda favorecer o estreitamento de sua relação com o professor, na medida em que intensifica a comunicação entre os envolvidos, favorece o conhecimento da realidade e das necessidades dos alunos, identifica suas potencialidades, situações que geram um maior grau de satisfação.

4.2 O trabalho de campo escolar e roteiros dirigidos

Para desenvolver uma pesquisa que enfatizasse a sugestão de roteiros de orientação para o Trabalho de Campo no Ensino Fundamental e Médio, a experimentação foi aplicada no Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo no Município de Campo Mourão, Estado do Paraná, cuja proposta pedagógica também orienta para práticas de atividades externas a escola como um subsídio para a efetivação da aprendizagem.

Ao longo dos anos letivos de 2015 e 2016, professores de diversas disciplinas desenvolveram atividades externas com os alunos. Professores da disciplina de Artes levaram os alunos às apresentações artísticas promovidas pela prefeitura do município; a disciplina de língua portuguesa promoveu inúmeras visitas às “noites de poesias” oferecidas pela Biblioteca Pública ou pela Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR/Campo Mourão; as disciplinas de Ciências e Biologia desenvolveram projetos

de exposição em feiras de profissões ou de Ciências; a disciplina de Educação Física participou de competições interescolares nos ginásios da cidade e região; a disciplina de geografia realizou vários trabalhos de campo, considerando a análise da paisagem local. Enfim, de uma ou de outra maneira, com metodologias diferenciadas, os trabalhos de campo, de acordo com suas metodologias e conteúdos abordados, foram realizados pela maioria das disciplinas escolares, tornando mais efetiva a aprendizagem.

Para tanto, as atividades propostas com trabalhos externos, constam do Projeto Político Pedagógico e são previstas no calendário escolar, a cada início de ano letivo, devido a sua fundamental importância.

As atividades escolares de saída de campo sempre são sinônimos de curiosidade e expectativa por parte dos alunos, e para o êxito na sua realização algumas providências devem ser tomadas, as quais abordamos na fundamentação teórica e abordaremos nos próximos capítulos desse trabalho, considerando que alguns detalhes não observados podem se tornar empecilhos se o professor não tiver clareza da importância de sua organização.

A autorização dos pais para a excursão e o planejamento docente não são suficientes para evidenciar a importância desta prática, tanto do ponto de vista geográfico, quanto pedagógico e didático, sendo elas insuficientes para uma relação de confiança e colaboração entre os principais envolvidos nesta atividade didática. Ela precisa ir além e ser entendida como uma prática que melhora o aproveitamento do conteúdo apreendido e como um meio para elucidar a teoria vista em sala de aula e suscitar novas indagações. Precisa despertar nos estudantes outros valores, de grande relevância, como cooperação na realização de trabalhos em equipe, gosto pelo estudo e pela investigação, desenvolvimento da sensibilidade e da percepção e estreitamento das relações entre os estudantes.

A ideia de realizar projetos sobre o trabalho de campo com alunos do Ensino Fundamental e Médio surgiu da busca por metodologias que fornecessem elementos para valorizar e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, afinal a Geografia da sala de aula aborda o mundo, muitas vezes, mencionando fatos muito distantes da realidade mais próxima do aluno. No contexto da Geografia, a investigação do objeto de estudo se fez através de relação interdisciplinar, contextualizando com a realidade do aluno.

Ao realizar o trabalho de campo em um bairro urbano com turma de alunos do Ensino Médio (roteiro1), consideramos os aspectos sociológicos, históricos e ambientais da comunidade do bairro estudado.

O roteiro 2, também desenvolvido com alunos do Ensino Médio teve o intuito de proporcionar uma leitura crítica das ações antrópicas em um parque urbano, usando a linguagem fotográfica no trabalho de campo.

O roteiro 3, desenvolvido com alunos do Ensino Fundamental, tratou de promover a educação ambiental em um parque urbano buscando investigar o equilíbrio fauna e flora local, entre áreas pavimentadas e ambientes naturais, bem como ação antrópica sobre a paisagem.

4.2.1 Roteiro 1 de trabalho de campo: “O uso da cartografia: mapeamento colaborativo na análise de problemas urbanos”

O primeiro roteiro de trabalho de campo teve como tema "O uso da cartografia: mapeamento colaborativo⁶ na análise de problemas urbanos". O projeto teve como objetivo verificar como os alunos entendiam os problemas urbanos a partir do Trabalho de Campo, com a observação dos fenômenos *in loco* e construção de um mapa colaborativo que propôs identificar as reais condições do ambiente no bairro onde a escola está localizada.

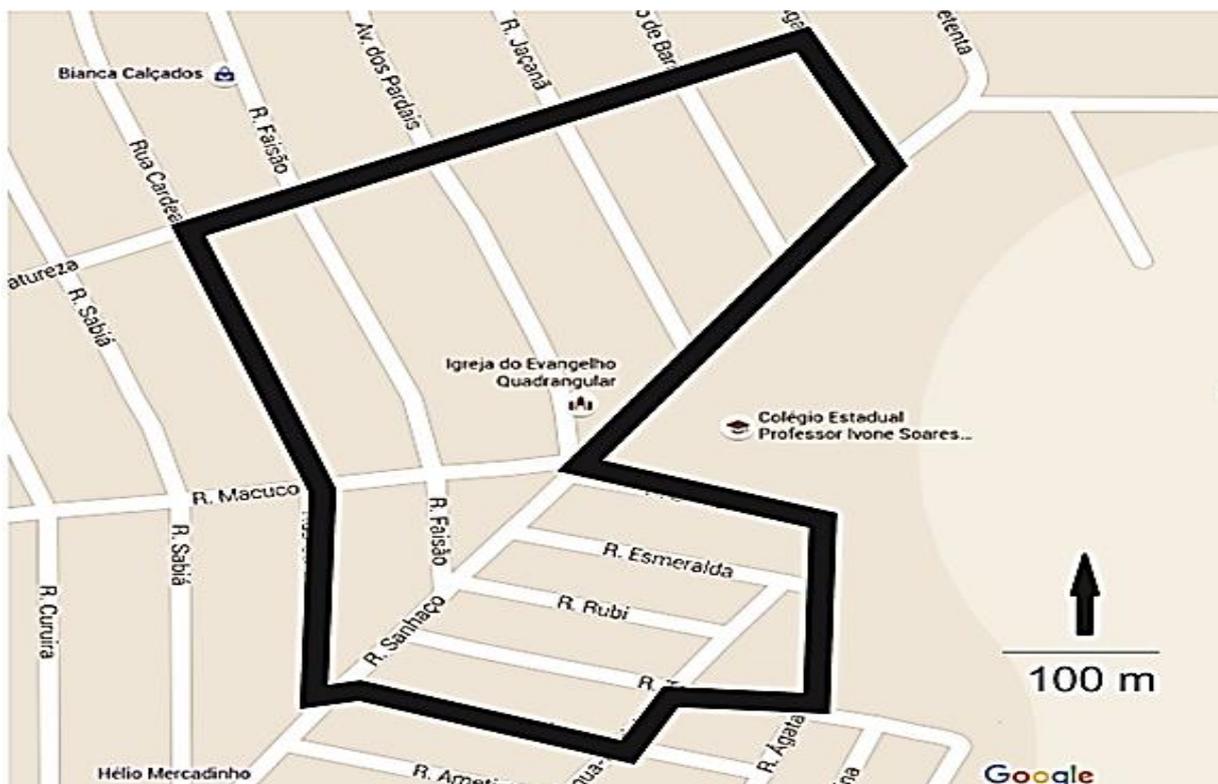
O proposto projeto teve o objetivo de estudar uma região do Jardim Tropical, no entorno do Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo, Campo Mourão-Paraná, e foi desenvolvido com uma classe de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio no ano letivo de 2015, mediado por estagiários e professores da UNESPAR, *campi* de Campo Mourão e aplicado no colégio, no qual tivemos a satisfação em participar com professor de geografia da turma envolvida.

Os procedimentos metodológicos desse projeto se constituíram em levantamentos de referências teóricas em livros, monografias, artigos e sites da internet. Além da intervenção pedagógica com aulas teóricas. Realizou-se o Trabalho de Campo com coleta de dados, aplicação de questionários e entrevistas para coleta de informações junto aos moradores, também sujeitos da pesquisa.

Entende-se que os mapas colaborativos permitem a comunicação geográfica como procedimento para divulgação dos dados, pois possuem mensagens sobre os lugares, uma recepção que interpreta e um suporte que ancora as informações.

⁶ (Mapa Colaborativo) Levantamento de informações espaciais que permite a participação cidadão no território, demarcando determinadas informações em um recorte geográfico temporal de acordo com os interesses dos idealizadores.

Figura 2 - Região estudada para construção do Mapa Colaborativo



Fonte Google.Org.: Org. Mayra Stevanato, Tiago de Athaydes, Larissa Donato (2015)

Nesses novos mapas adaptados, diferentes do mapeamento oficial, mas sempre considerando as orientações cartográficas, é possível enquadrar, de forma clara e objetiva, o assunto que se pretende abordar, considerando o interesse de um público alvo. Nesse caso, foi possível construir e personalizar temas e inserir conteúdos de comunicação levantados pelos alunos como fotografias registradas ao longo dos percursos.

A figura 3 (página43), apresenta o recorte da área que foi estudada. Como etapas do desenvolvimento da pesquisa de campo, foi distribuído para cada grupo (quatro a cinco alunos) um recorte do mapa completo e uma parte do bairro, para que estes indicassem os lugares onde os problemas aconteciam, apontando no mapa com exatidão sua ocorrência.

Nesse trabalho foram localizados pontos onde havia necessidades de melhorar a infraestrutura, considerados de suma importância para a boa qualidade de vida dos moradores. Os alunos, por sua vez identificavam aspectos do conteúdo estudado em sala de aula relacionando-os aos espaços vividos cotidianamente.

Os alunos puderam perceber e analisar a existência de problemas urbanos na comunidade no entorno do ambiente escolar.

De modo geral, constatou-se que 70% (setenta por cento) dos moradores residem no bairro há mais de 15 anos. Os mesmos relataram que há um programa de coleta de resíduos domésticos e de resíduos recicláveis, porém o resíduo de construção compete ao morador fazer a limpeza e, dar destinação correta. Os problemas mais comuns presentes no bairro e a serem analisados pelos alunos foram relacionados e se encontram compilados no quadro 1.

Quadro 1 - Problemas relacionados à estrutura urbana

Problemas relacionados	Pontos a serem analisados
Arborização	Verificar se há árvores em contato com a fiação elétrica.
Lixo	Verificar lixos jogados nas ruas, em terrenos baldios.
Calçamento	Verificar acessibilidade para cadeirantes.
Mato alto	Verificar mato alto nos terrenos baldios.
Buracos	Verificar buracos no asfalto.
Bueiros	Verificar lixo nos bueiros.
Erosão Urbana	Verificar processos de erosão provocada por atividades humanas.

Fonte Mario Bertoldo, 2015

Etapas do Trabalho de Campo

a- observação e registro:

Em grupos, com caderneta de campo e câmera fotográfica nas mãos os alunos deslocaram-se pelo bairro; registraram em fotos, os aspectos visíveis que observaram nas ruas como: calçamento irregular, árvores irregulares no trajeto dos pedestres, bueiros entupidos, resíduos sólidos acomodados indevidamente, sinalização de trânsito irregular, mato alto em terrenos baldios e o processo de erosão causado pelo esgoto pluvial.

Nessa primeira fase, de identificação, não se dispôs de aparelhos eletrônicos de localização como o GPS, que asseguraria a localização exata do ponto observado. Entretanto, por ser uma área conhecida pelos estudantes, cada ponto de observação foi

registrado de acordo com o nome da rua e algumas outras referências como árvores, construções e cruzamentos.

b - Procedimentos de entrevista com Moradores.

Para aprofundar os objetivos propostos e assegurar a coleta das informações e dos fatos percebidos pelos alunos, alguns moradores do bairro foram abordados para entrevistas, numa amostra aleatória de 20 (vinte) residências. Após concordarem com as entrevistas gravadas, e respondendo ao questionário, os moradores comentaram sobre a situação do bairro, indicando pontos de maior vulnerabilidade e reclamando para melhorias na estrutura urbana local. As questões respondidas pelos moradores, bem como, as respostas registradas versaram sobre o rápido crescimento do bairro, as frequentes reformas e construções, a destinação dos resíduos sólidos, o calçamento obstruído ou destruído, dentre outros.

Além das questões técnicas foi necessário levar em consideração a percepção da população com relação ao meio ambiente. Como afirma Monbeig (1957) “É preciso analisar, identificar e se possível sentir a inter-relação existente entre os aspectos físicos e humanos”, pois no uso cotidiano dos espaços, dos equipamentos e serviços urbanos, é a comunidade que sente diretamente os impactos da qualidade ambiental.

Para tanto, elaborou-se o questionário que consta no apêndice desse trabalho e em seguida foi apresentada a compilação dos resultados.

Após a realização das entrevistas, como uma das atividades de campo, sistematizamos as informações, e expusemos as falas dos moradores e os registros fotográficos, sendo que as informações convergem para a falta de infraestrutura no bairro.

Relato dos Moradores: análise das entrevistas

Morador 1 “... Ah meu filho, o caminhão de lixo sempre passa mais os cachorros destroem as sacolas, o lixo fica espalhado e o dono da casa não recolhe. Tenho visto muitos resíduos pelas ruas e também muitos animais soltos. O que piora também, é que nos dias de chuva esses resíduos podem ir para os bueiros ou se espalharem na frente da casa da gente. Quando eu encontro latas de bebidas eu recolho, pois dá pra juntar um dinheiro com a venda, porém, com outros lixos, a coisa fica mais difícil. Eu tento fazer a minha parte, mas não são todos que fazem.”

Figura 4 - lixo sem a devida acomodação



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Figura 5 - lixo sem a devida acomodação



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Devido ao rápido crescimento do bairro as construções e reformas são frequentes e a destinação dos resíduos não é feita de maneira adequada pelos moradores, e por causa desses motivos, as calçadas estão obstruídas, destruídas ou em péssimo estado de conservação, o que dificulta a locomoção, responsabilidade que, segundo os moradores recaem sobre eles mesmos;

Morador 2 “... o pessoal constrói e fica o resto de construção na calçada por muito tempo, eles não recolhem..., só recolhem se a prefeitura multa”.

Figura 6 - Resto de construção



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Figura 7 - Entulho de construção



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Os terrenos baldios servem de local de descarte de sucatas de televisores, sofás, eletroeletrônicos e de animais mortos, gerando a proliferação de insetos. Os moradores consideraram que a prefeitura deve adotar as providências cabíveis, executando os serviços de manutenção e cobrando dos proprietários, o que não acontece há bastante tempo;

Morador 3 “... a prefeitura tem um projeto do lixo reciclado, mas até eles passarem, o pessoal já jogou tudo na rua: as latinhas o povo cata, mas plástico eles não catam não, fica por aí, até a gente juntar de novo”.

Figura 8 - resto de móveis descartados



Fonte: P.F.S., 2015

Figura 9 - lixo descartado incorretamente



Fonte: P.F.S., 2015

Os bueiros entupidos causam alagamentos e aqueles em mau estado de conservação podem causar acidentes aos moradores.

Morador 4 “... quando chove vem água quase na área de casa, porque o bueiro está entupido faz tempo.”.

Figura 10 - bueiro entupido



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Figura 11 - bueiro sem proteção



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

A malha asfáltica encontra-se, em muitos trechos, em péssimo estado de conservação.

Morador 6 “... o asfalto aqui está péssimo, na semana passada um carro que desviou do buraco, quase que atropela minha filha na calçada”.

Figura 12 - buracos na malha asfáltica



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Figura 13 - malha asfáltica comprometida



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

Há ocorrência de um enorme processo erosivo causado pelas águas pluviais. **Morador 7** “... aquele buraco ali atrás da escola está horrível, está grande demais, né? Até quando aquilo vai ficar assim? Esses dias passei por lá e vi restos de sofá e cachorro morto”.

Figura 14 - voçoroca na área periurbana



Fonte: Mario Bertoldo, 2015

“O inquérito sistemático deve ser completado pelas entrevistas e pelas conversas com os habitantes, em cujas atividades o geógrafo deve, tanto quanto possível, tomar parte, ganhando sua confiança e captando sua simpatia”. (MONBEIG, 1946, p. 55).

Segundo Monbeig (1946) a entrevista junto à população é indispensável, principalmente àquilo que diz respeito aos elementos invisíveis relacionados com a

ocupação e uso da área, bem como antecedentes históricos da comunidade, sendo assim um suplemento necessário à observação dos fatos visíveis.

Portanto, a investigação *in loco*, especialmente com a inquirição dos sujeitos torna-se imprescindível.

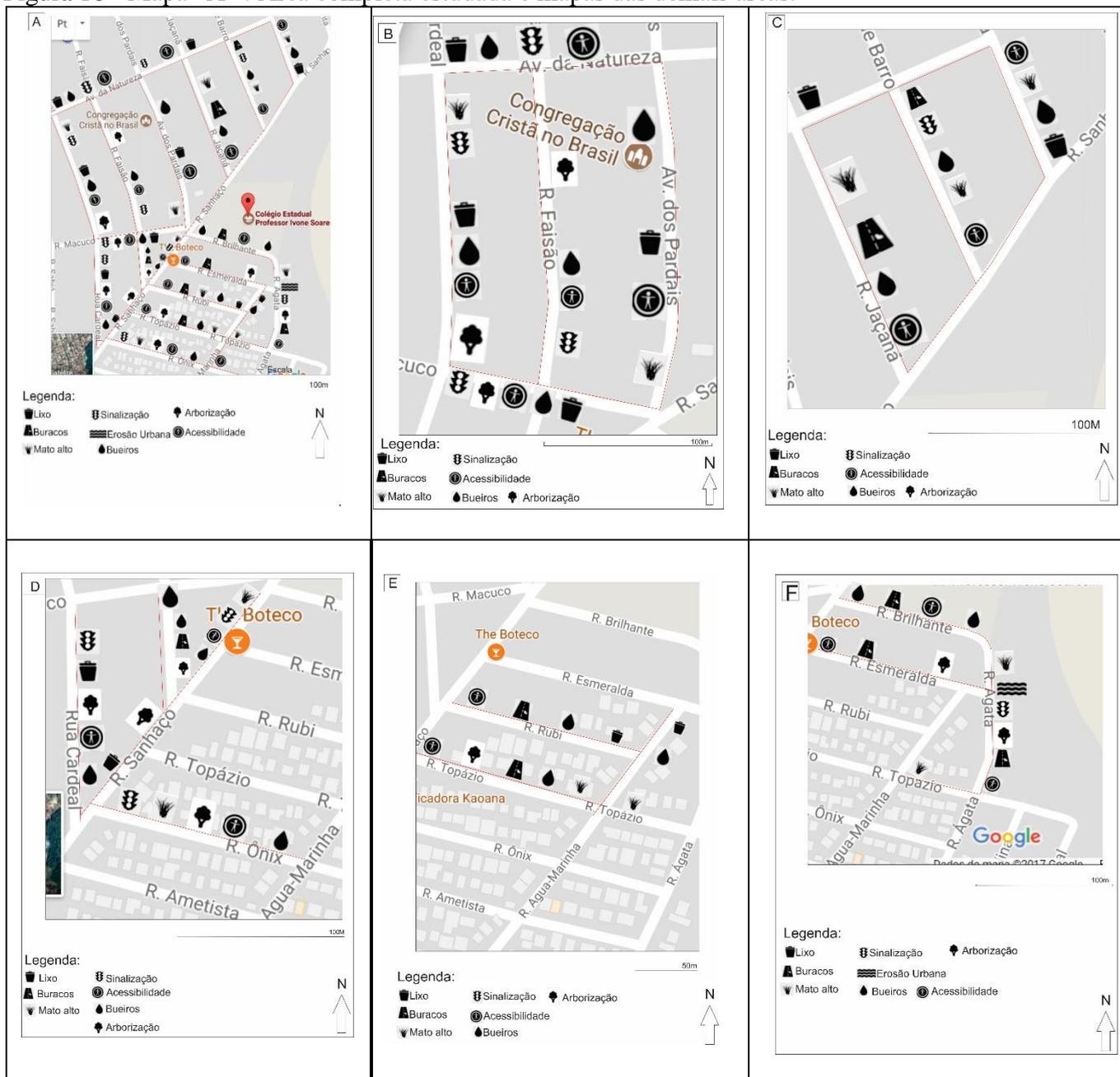
Após a realização da atividade de campo, os estudantes, orientados por professores e universitários-estagiários da Unespar preencheram o mapa legendando as informações, sempre considerando com exatidão os locais dos problemas observados.

Figura 15 - Elaboração do mapa colaborativo



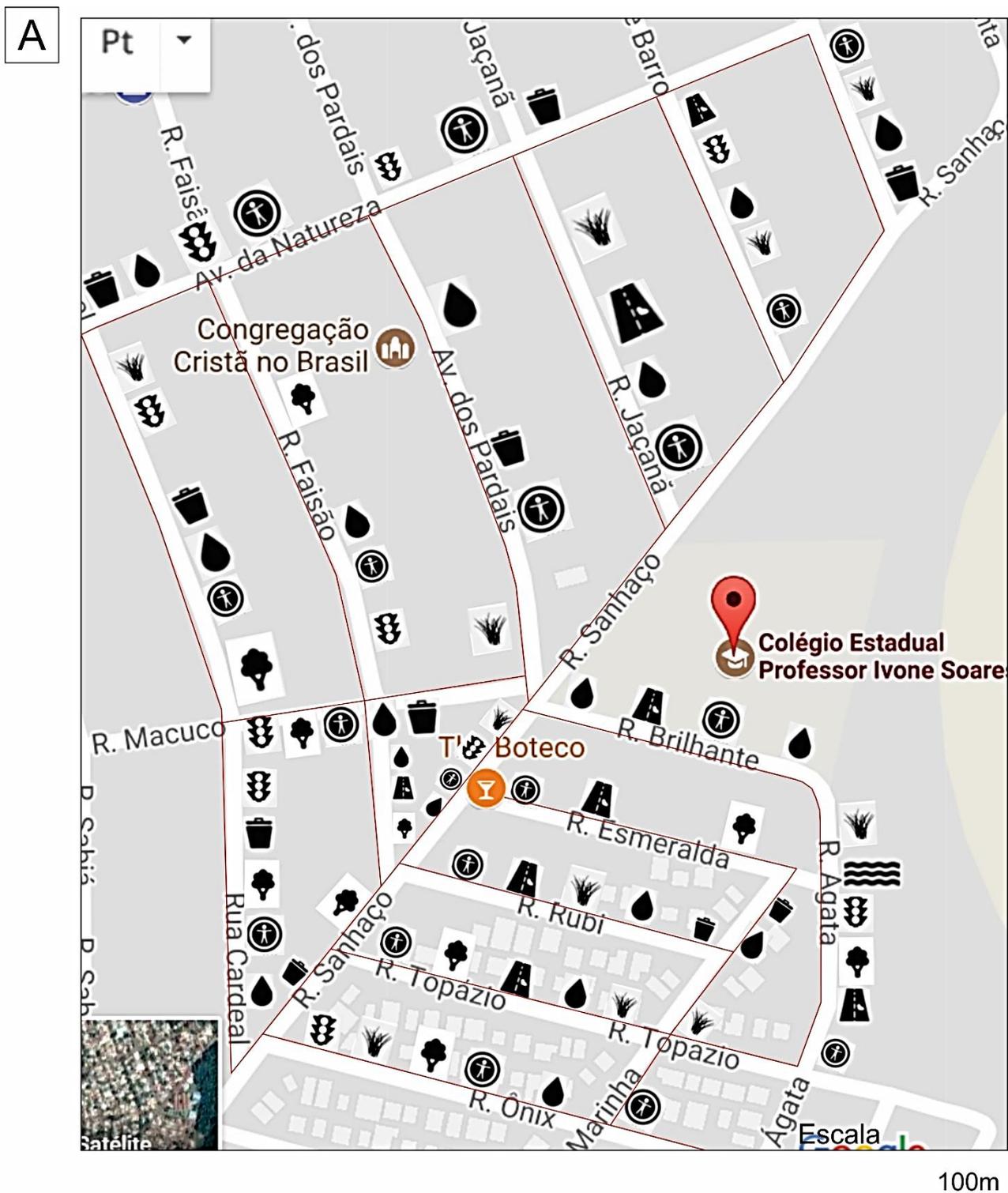
FONTE: MARIO BERTOLDO, 2015

Figura 16 - Mapa “A” : Área completa estudada e mapas das demais áreas.



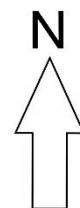
Fonte: Mário Bertoldo, 2015

Figura 17 - Área total estudada



Legenda:

- | | | |
|-----------|---------------|----------------|
| Lixo | Sinalização | Arborização |
| Buracos | Erosão Urbana | Acessibilidade |
| Mato alto | Bueiros | |



Fonte: Mário Bertoldo, 2015

Quadro 2 - Observação feita pelos alunos sobre os problemas urbanos.

Problema	Simbologia utilizada	Situação	Atitudes
Arborização		Observou-se muitas árvores em todo o trajeto, sendo isto positivo, porém algumas destas se encontravam em locais irregulares, muito próximas a rede de energia elétrica.	Avisar a companhia responsável pela rede elétrica e prefeitura.
Lixo		Em muitas ruas havia lixo jogado em terrenos baldios e em vias de circulação (ruas e calçadas), causando o acúmulo de água e mau cheiro em diversos pontos.	Recolher o lixo encontrado na rua e destinar de forma correta o lixo produzido, preferencialmente de forma seletiva.
Acessibilidade		Grande parte do espaço analisado não possuía calçamento, quando este existia estava em condições de mau cuidado e uso. Em alguns pontos foram observadas rampas de acessibilidade, sendo a maior parte do espaço inacessível a deficientes físicos.	Manter a calçada conservada é um dever da população e dos poderes públicos. A manutenção das calçadas é uma responsabilidade do proprietário ou responsável pelo imóvel, deste modo cabe a cada um, cuidar da calçada de sua residência.
Mato alto		Observou-se a ocorrência de mato alto em pelo menos um ponto de cada quarteirão, em terrenos baldios, no lugar das calçadas e até mesmo nos quintais das casas. Fato esse que pode acarretar riscos a população, como exemplo, a proliferação de insetos.	Notificar a prefeitura sobre a existência desses locais, para que esta possa notificar os proprietários do imóvel, fazendo com que tomem as medidas necessárias.
Buracos		Em várias ruas foram observados a ocorrência de buracos no asfalto.	Notificar a prefeitura sobre a existência e localização dos buracos, para que

			esta possa pavimenta-los.
Bueiros		Em sua maioria estes estavam entupidos por lixo e sedimento, cuja vegetação também cresce no local, consequência da falta de manutenção por parte do órgão responsável e também da falta de conscientização da população em relação ao destino correto do lixo.	Cuidar para que nenhum lixo vá para os bueiros, e acionar a prefeitura, informando-lhes o problema.
Sinalização		Em alguns locais há a necessidade de maior sinalização, uma vez que faltam placas ou estas foram vandalizadas.	É necessária maior conscientização da população de que as placas são bens público, de suma utilidade a todos.
Erosão Urbana		Próximo a Escola, em um parque há uma grande erosão, uma voçoroca, que tem aumentado significativamente a cada ano.	Entrar em contato com a prefeitura e órgãos responsáveis pelo parque, para que estes analisem a gravidade do problema e utilize os meios necessários para contê-lo.

Fonte: Google.org.: Org. Mayra Stevanato, Tiago de Athaydes, Larissa Donato (2015)

Como salienta Venturi (2011) a sistematização das informações recolhidas em campo é a etapa final de gabinete ou de laboratório. Nesse caso, necessitando de menor uso de instrumentação específica, simplesmente sistematizando os dados empíricos obtidos a partir da experiência de campo.

No laboratório, que nesse caso, se resume a própria sala de aula, é onde acontece uma maior compreensão do real, nele também se pode exercer função didática cujo objetivo é, entre outros, é a aquisição de habilidades, o aprendizado e o uso de determinados instrumentos e de técnica como interpretação de dados, organização de mapas e sistematização de textos.

A técnica do uso de mapas colaborativos possibilita alimentar banco de dados e criar mapas sobre diferentes temas, como: mobilidade e acessibilidade urbana, problemas ambientais, bem como a disposição de serviços públicos para uma região ou comunidade.

Uma elaboração que possibilite uma interseção entre a cartografia e a pesquisa em comunicação, necessariamente, terá que atribuir à cartografia sentidos mais nobres que vão além da representação simples e pura do espaço geográfico. Para além do simples mapeamento físico do território, a cartografia se apresenta como um código ou um espelho das formas de como uma sociedade interage com o espaço. (LIMA, 2011, p 23).

A temática abordada no trabalho de campo foi sobre infraestrutura urbana, porém a partir dessa experiência, os alunos puderam perceber que diversos fenômenos podem ser registrados em um mapa colaborativo, incluindo o uso de mapas virtuais ligados à rede mundial de comunicação, que possibilita a inserção de informações diariamente atualizadas.

Ao realizar o mapeamento ou acrescentar informações num mapa colaborativo de seu local de convívio, o autor, ou a própria comunidade passa a refletir sobre as informações localizadas no mapa.

Vislumbra-se que, utilizada como ferramenta de análise e comunicação sobre diversas questões sociais, como saúde pública, justiça ambiental, planejamento urbano, entre outros fatores presentes nas comunidades, a cartografia tem se mostrado também como ferramenta de interação social com a criação desses mapas participativos ou colaborativos, tendo a possibilidade de ser criado e recriado por diversos atores.

No ambiente escolar o conhecimento cartográfico, transmitido por meio de mapeamento, favorece significativamente a capacidade do aluno de observar, ver e pensar o espaço.

Como resultado do trabalho de campo, os alunos concluíram que grande parte dos problemas urbanos que afetam o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas na comunidade, origina-se no local de moradia, causado pela falta de consciência dos próprios moradores. Concluíram também que a população esclarecida pode solucionar alguns problemas do bairro e prevenir outros.

No caso deste bairro, a manutenção ambiental é responsabilidade de todos, mas a administração do município tem a função primordial de buscar caminhos para um desenvolvimento local que harmonize o crescimento urbano com o bem-estar da população e de zelar pela qualidade de vida.

A ampliação da leitura de mundo dos alunos e a participação efetiva em comunidade é um dos objetivos do processo educativo. O trabalho de campo em Geografia escolar busca desenvolver essa leitura considerando como ponto de partida os saberes que os alunos trazem do seu cotidiano. Quando o espaço estudado faz parte do seu cotidiano, eles aprendem significativamente melhor o conhecimento geográfico, partindo da possibilidade de expressar suas experiências e saberes, ampliando então o conhecimento e tornando-se capazes de ler e agir modificando o mundo a sua volta.

4.2.2 Roteiro 2 de trabalho de campo: Observação e registro fotográfico no Parque Municipal Gralha Azul

No roteiro do Parque Municipal Gralha Azul, no município de Campo Mourão, foram envolvidos alunos do primeiro ano do Ensino Médio no ano letivo de 2016.

O objetivo foi estudar as características de um parque urbano, considerando a vegetação, os resíduos sólidos descartados e a erosão causada por atividades antrópicas urbanas. Objetivou também proporcionar aos alunos uma leitura do espaço geográfico a partir da linguagem fotográfica no trabalho de campo e para que tivessem uma visão crítica sobre o Parque, tendo como ponto de partida uma voçoroca.

O uso da linguagem fotográfica proporciona o registro da paisagem através da imagem. As ferramentas fotográficas contribuem na formação dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações sócio espaciais. A leitura do espaço pela fotografia torna as aulas mais interessantes e prazerosas, o que desperta no aluno o desejo de aprender por meio da linguagem visual.

Os procedimentos consistiram primeiramente em um levantamento de referenciais teóricos sobre os temas tratados por meio de aulas expositivas dialogadas com os alunos. Posteriormente foram apresentados os conteúdos sobre a dinâmica externa do relevo, com referencial teórico sobre o solo e seus perfis; os diferentes processos que causam o intemperismo, os tipos de erosão e suas causas e o efeito sobre a vegetação.

As aulas práticas foram ministradas *in loco*, onde, depois de entenderem o objetivo do Trabalho de campo os alunos mapearam a área estudada, escreveram relatórios, registraram imagens relatando as observações feitas sobre o tema proposto. Nesse caso, os relatos foram em duplas, mas considerou-se também as observações individuais dos alunos.

Como justificativa para o projeto, o Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo, possui um convênio celebrado com a Prefeitura de Campo Mourão e a

Associação dos Pais e Mestres e Funcionários do Colégio. O objetivo deste convênio é a utilização e conservação do Parque Municipal Galha Azul com a finalidade de serem desenvolvidos projetos sociais, ambientais e culturais e maior integração aluno/escola.

O convênio tem por objetivo a utilização e conservação do parque Municipal Galha Azul e dessa forma, é de responsabilidade da escola, de acordo com a Associação de pais desenvolver projetos ambientais que demonstre à comunidade local e regional a importância dessa unidade de conservação; da sua fauna e flora, bem como, da preservação do meio ambiente e, em contrapartida a responsabilidade da prefeitura é executar obras necessárias para a adequação das galerias pluviais que desembocam no interior do parque; cercar a área do parque; promover a recuperação das áreas degradadas, promover a recuperação do solo e plantio de espécies nativas, permitindo o desenvolvimento de projetos com o envolvimento de alunos e professores do colégio na utilização do parque para caminhadas, trilhas, atividades de educação ambiental e de pesquisa.

O trabalho de campo no Parque Galha Azul foi realizado a partir do registro fotográfico, e observação, construção de relatórios, com realização, o que possibilitou aos alunos conhecer o local no entorno do colégio como parte fundamental do ensino prático da disciplina de Geografia.

A partir desta problemática, estudou-se o que é erosão, quais as suas causas e os principais tipos. Tendo como agente principal a água da chuva, pode-se trabalhar não somente com o caso da voçoroca, mas suas causas e consequências para o espaço geográfico do parque e para a população ao seu entorno.

Características do Trabalho de Campo no Projeto “Parque Municipal Galha Azul” e roteiros dirigidos.

O Parque Municipal Galha Azul (PMGA) possui uma área de 42.278,41m² e localiza-se no lote 127-I do Conjunto Diamante Azul, nas proximidades dos Jardins Tropical e Aeroporto, situado na cidade de Campo Mourão, PR.

A Zona de Amortecimento do Parque Municipal Galha Azul, isto é a área estabelecida ao redor de uma unidade de conservação, engloba a microbacia do Rio Mourão e seus afluentes e este é tributário da margem esquerda do Rio Ivaí. Esta região é utilizada para práticas de atividades agropecuárias em praticamente todas as propriedades existentes, onde os moradores realizam a manutenção e administração dos imóveis rurais, sendo também, é uma área próxima à ocupação urbana.

Figura 18 - Vista Aérea do Parque Municipal Gralha Azul

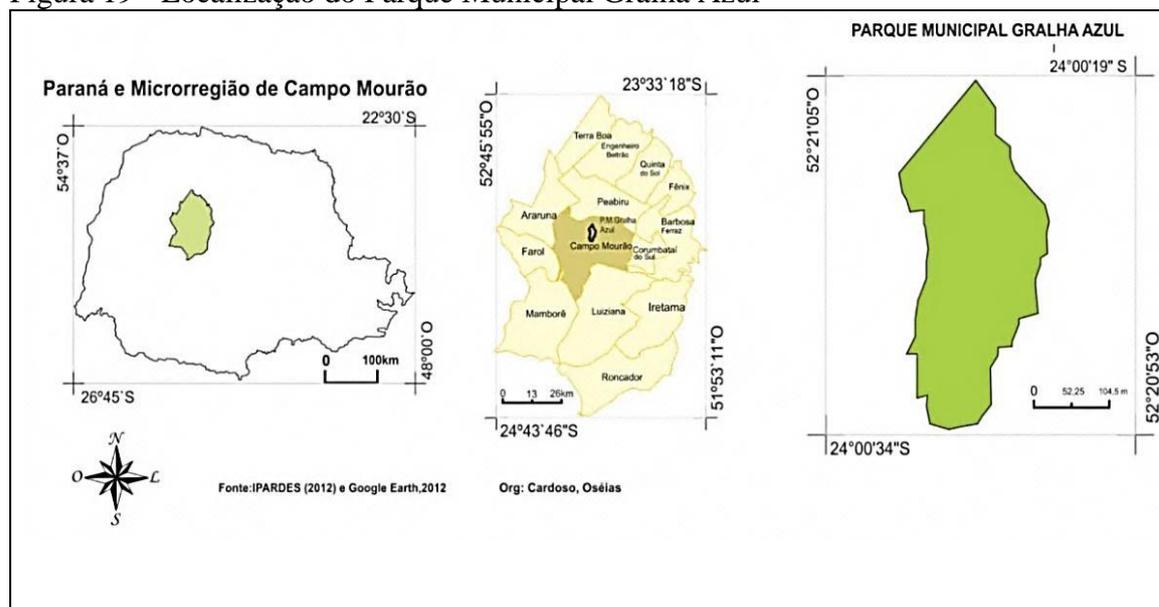


Fonte: Google Earth – Org. Mario Bertoldo, 2016.

Segundo Cardoso & Souza (2007), a unidade Parque Municipal Gralha Azul - PMGA teve origem a partir da junção do lote 127 – H, com 20.973 m², a área verde do Conjunto Habitacional Diamante Azul (lote 127 – I), que apresentava uma extensão de 42.278,41 m², totalizando uma área de 63.251,41 m².

O decreto 2.262 de março de 2001 foi o primeiro documento que caracterizou a área como parque municipal, tendo como finalidade “conciliar a efetiva proteção da biodiversidade, em especial, remanescentes de flora e fauna, bem como manutenção da paisagem natural local, tendo como objetivo a sua destinação para fins educativos, científicos, culturais e recreativos da população”. (Art. 3º Decreto nº 2.262, de 13 de março de 2011). (CARDOSO, 2013, p. 12).

Figura 19 - Localização do Parque Municipal Gralha Azul



Fonte: CARDOSO, Oseias, 2012.

Questões envolvendo o trabalho de campo

Dessa forma, algumas questões foram trabalhadas no sentido de conhecer essa realidade: os educandos conhecem o parque que está ao seu redor? O parque é importante para preservação da fauna e da flora local? Há algum registro fotográfico do local demonstrando as transformações ocorridas a fim de comparar as transformações da paisagem? O que a paisagem do parque revela sobre a dinâmica do espaço geográfico? Como a fotografia pode favorecer o ensino de Geografia e contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do estudo do Parque Gralha Azul?

Procedimentos metodológicos sobre o projeto

Objetivando compreender a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia, numa perspectiva teórica, primeiramente foi realizada revisão bibliográfica de obras que esclareceram e fundamentaram utilização deste recurso didático, considerando o tema proposto.

Foram envolvidos, aproximadamente, 50 alunos advindos de duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Professora Ivone Soares Castanharo.

Correlacionamos as atividades tratadas, vinculadas a proposta curricular no decorrer dos anos letivos de 2015/2016, e o projeto direcionou para a observação dos aspectos

geográficos e históricos localizados no entorno da escola, como exemplo: o processo de fundação do conjunto residencial onde a escola está localizada, a história de vida de seus moradores, sua inserção nas ações comunitárias, identificação do processo de urbanização; as características físicas (vegetação, hidrografia, solos,) considerando para esse último e de grande importância para a comunidade local, o estudo do processo erosivo ocorrido no Parque Municipal Gralha Azul que doravante denominaremos de PMGA localizado atrás da escola.

As saídas de campo foram realizadas de forma investigativa com base em informações coletadas por professores, alunos e por bolsistas de iniciação à docência do PIBID-UNESPAR,⁷ *campi* de Campo Mourão, por meio de questionários, entrevistas, registros fotográficos, problematizações de questões presentes no trabalho de campo. Para viabilizar o levantamento de dados organizaram a sequência de observação de campo, complementando as atividades de sala de aula.

Os relatórios foram sistematizados e registraram as experiências vividas na atividade do Trabalho de campo, questionários também foram direcionados aos alunos para verificar o grau de aprendizagem.

Instruções e procedimentos sobre o trabalho de campo

Saída: definimos os aspectos a observar, a caderneta de campo como instrumento didático foi útil e, de acordo com as instruções, foi possível anotar, desenhar e orientar-se pelo caminho proposto, localizando os aspectos estudados o que ajudou na identificação dos fatos.

⁷ PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - CAPES

Figura 20 - Deslocamento do grupo saindo do Colégio em direção ao local dos trabalhos



Fonte: Mario Bertoldo, 2016

- **Dinâmica do trajeto:** Depois das orientações, a turma foi dividida em grupos e cada grupo teve a responsabilidade de observar, registrar e fotografar os aspectos já definidos previamente, permitindo uma representação e análise crítica.

Figura 21 - Imagem sobre a o avanço do processo erosivo no PMGA



Fonte: F.J.P., Novembro 2016

- **Observação e registro:** Para a aula de campo no PMGA, os alunos levaram câmeras fotográficas e aparelhos celulares com câmeras. Algumas paradas foram realizadas para explicação, observação e registro fotográfico dos elementos da paisagem tais como: nascentes de rios, vegetação, ação antrópica (voçoroca, lixo, desmatamento, entre outros).

Figura 22 - Aula de Campo sobre a erosão pluvial



Fonte: Neumar de Oliveira, Novembro 2016

Os alunos puderam perceber a enorme cratera aberta pela rede de galeria pluvial que passa dentro do Parque Municipal, no centro da cratera, com aproximadamente 8 metros de profundidade identificaram 15 tubos de concreto de mais de um metro de diâmetro que fazia parte da rede de passagem de toda a água fluvial da região, perceberam também que o local é composto de várias nascentes, que estão desprotegidas, além da presença de lixo e erosões existentes que inviabilizam a plena conservação desse recurso natural. Como recurso paliativo, foi feito um calçamento com pedras para conter o processo erosivo, porém existe a necessidade de se adequar as galerias para que a erosão que causou a voçoroca acabe por completo.

Segundo Cardoso (2012), as UCs (Unidades de Conservação) urbanas são consideradas áreas especialmente protegidas, a sua presença no meio urbano as coloca em uma posição especial quanto aos propósitos de conservação dos recursos naturais e

manutenção do conforto ambiental. Essa situação pode ser contemplada quando a unidade apresenta os recursos e elementos básicos para gestão adequada, com a ausência desses elementos, a realidade pode incomodar o meio ambiente a comunidade local. Dessa forma a percepção da comunidade local e dos alunos envolvidos no Trabalho de Campo foi de que existe um processo erosivo que pode causar sérios problemas para a comunidade e principalmente para o meio ambiente do Parque.

Em cada local foi possível observar a situação do lugar, e os alunos fizeram relatos que justificaram o motivo de terem fotografado essa paisagem. O fato de o trabalho de campo ter sido realizado no parque próximo a escola e suas residências proporcionou a reflexão para os problemas socioambientais do local onde convivem.

Figura 23 - Aluna em registro fotográfico.



Fonte: Mário Bertoldo, 2016

Questionados sobre os objetivos do projeto, os alunos relataram a importância da participação em projetos ambientais em sua comunidade: uma aluna Figura 23, respondeu que foi adequado ao seu aprendizado; que já havia desenvolvido trabalhos externos à escola, entretanto, as atividades foram somente de excursões, nas quais, foi possível observar as características das paisagens, mas, sem aprofundamento sobre os aspectos de relevo, vegetação, solos e climas, questões sociais ou problemas ambientais.

Relatou também, que os aspectos de correlação das atividades humanas na paisagem foram pouco trabalhados por outros professores e muitos conteúdos tiveram como referência somente os livros didáticos, trabalhados de forma isolada em seus aspectos. Comentou ainda que poucos foram os trabalhos significativos que envolveram a comunidade em que mora e que, mesmo sendo realizadas, as atividades não passaram de simples explicações. Em seu relato, ela fala: “ Nunca escrevemos sobre a nossa vila, sempre observamos a paisagem, mas, sem inteiração com ela”.

Considerando esse depoimento, percebeu-se que “o ver, tocar e sentir” o espaço geográfico mobiliza as sensações e percepções dos alunos no processo de aprendizagem, permitindo que eles façam articulações entre a teoria e a prática. Além de despertar interesse para a pesquisa e maior facilidade na absorção dos conteúdos.

Quando perguntada sobre o motivo pelo qual ela estava fazendo o registro fotográfico, ela foi enfática:

“... para que o trabalho do grupo tenha sucesso e na apresentação eu possa mostrar fotos que refletem a transformação na paisagem...”

Continuando os questionamentos para a turma sobre os aspectos da paisagem, outro aluno respondeu:

“...Ah professor, essa reserva é tão bonita, a gente pode fazer muitas coisas para melhora-la, a Prefeitura podia fazer trilhas, atividades ambientais e de recreação para nós e, também, a comunidade poderia usar melhor isso aqui, inclusive não jogar lixo...”.

Partindo dessa experiência, é possível entender que as novas sugestões metodológicas ligadas ao ensino precisam ser consideradas. O trabalho de campo em Geografia não é inédito, todavia, ele deve ser ressignificado para que a análise empírica sobre os espaços humanos e naturais possam ser entendidos de forma mais ampla e que as reflexões possam ser trabalhadas numa visão interacionista e construtiva. Nessa concepção, o conhecimento, sendo fruto de reações aos estímulos, é capaz de fazer-se praticar.

Como os trabalhos de campo são constantes no colégio, expusemos em fotografia panorâmica imagens que retratam o avanço do processo erosivo na área do parque, considerando uma fotografia do ano de 2015 (figura 24) e outra do ano de 2016 (figura 25), com as consequentes transformações na paisagem urbana e, para que os alunos tivessem uma dimensão desse processo erosivo, isto é do grande impacto ambiental causado por águas pluviais de canalização subterrânea do bairro. Dessa forma, os alunos puderam perceber claramente o impacto ambiental na paisagem, causada pelo processo erosivo.

Figura 24 - Imagem do processo erosivo no PMGA



Fonte: Mario Bertoldo, Julho de 2015.

Figura 25 - Imagem sobre a o avanço do processo erosivo no PMGA



Fonte: Mario Bertoldo, Novembro de 2016

Figura 26 - Observações feitas pelos alunos sobre a dimensão do processo erosivo.



Fonte: Mário Bertoldo – 2016

Figura 27 - Impacto da erosão pluvial, causada pela má conservação do sistema de escoamento das águas pluviais.



Fonte: S.E.T – 2016

- **Sistematização:** em aula posterior ao trabalho de Campo, os alunos se dirigiram ao laboratório de informática, para a sistematização das informações levantadas: baixaram fotos de seus aparelhos para o computador, reescreveram as anotações, baseando-se em referências; cada grupo criou um relatório da atividade de campo e apresentaram aos colegas, compartilhando suas experiências. O relatório de cada grupo foi reunido em um texto de produção coletiva contendo os objetivos, metodologia, desenvolvimento e conclusão, considerando as referências, que foi entregue ao professor para correção, avaliação e divulgação;
- **Conclusão e apresentação do trabalho de Campo:** depois da conclusão das atividades, foi realizado um recorte do projeto com anexação de relatórios e tabelas e foi apresentado para a comunidade escolar. Mesmo com dificuldades, devidas à falta de prática desse recurso didático, percebeu-se que os alunos se inteiraram sobre os conteúdos abordados e sobre importância do trabalho de campo enquanto recurso didático.

Propondo esclarecer as inúmeras questões relativas à dinâmica do trabalho de campo no Ensino Fundamental e Médio, apresentaram-se aqui os procedimentos necessários para a utilização dessa metodologia de aprendizagem sobre os conteúdos geográficos.

Este estudo teve o intuito de analisar a eficácia dessa prática para o aprendizado escolar e também de verificar como os alunos percebem o trabalho de campo como atividade prática significativa. A partir dele, as informações sistematizadas sobre as experiências realizadas envolvendo alunos e professores foram apresentadas à comunidade escolar no intuito de ratificar a sua importância.

Considerações sobre o registro fotográfico nas atividades de trabalho de campo

Em plena globalização, é possível, a todo o momento, receber notícias de vários lugares do mundo, informações de acontecimentos interessantes de lugares que impressionam, que possibilitam a admiração de paisagens maravilhosas de cidades distantes, mas, muitas vezes, as pessoas acabam não se dando conta do que está acontecendo ao seu redor, na cidade onde vivem e em seu bairro.

A paisagem é um retrato de um determinado lugar em um tempo específico, ela é o que se vê, por isso, há a necessidade de olhar para além do que é visível, pois, ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores e de sons. A paisagem de uma cidade é o resultado de dados físicos, vindos da natureza, como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o clima, e também há os advindos das ações humanas como as praças, prédios, ruas, os monumentos, os símbolos e seus impactos.

Para se fazer a leitura de uma paisagem é necessário estudar a história, suas características físicas e humanas sua mobilidade territorial, a seletividade espacial; resultado social da exclusão. Assim, é possível fazer a leitura da realidade por meio do que compõe aquele determinado lugar. A capacidade de representar uma realidade que está sendo vivida permite compara-la a outras paisagens e a outros lugares.

Pensando assim, uma das formas de representar uma realidade é por meio da linguagem fotográfica. A fotografia pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se, por isso, em um poderoso instrumento de materialização de lugares nunca antes visitados por alguns, contribuindo para comparar as transformações daquela paisagem.

A fotografia constitui um importante recurso, podendo contribuir no entendimento dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações socioespaciais, à medida

que desperta no aluno o desejo de aprender por meio da linguagem visual. A leitura do espaço pela fotografia torna as aulas mais significativas, levando os alunos a buscarem outras fontes para aprofundar seus conhecimentos.

Figura 28 - Aluno retratando a voçoroca.



Fonte: Mário Bertoldo – 2016

Figura 29 - Imagem da Voçoroca



Figura 30 - Desenho da voçoroca.



Fonte: Aluno: F.H.G, 1º ano do Ensino Médio (2016)

4.2.3 Roteiro 3 de trabalho de campo - visita ao parque municipal Joaquim Teodoro de Oliveira. “Parque do Lago”.

Outra proposta de trabalho de campo foi realizada no Parque municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, mais conhecido como “Parque do lago”, um dos principais cartões postais da cidade de Campo Mourão-Pr.

Figura 31 - Vista aérea do Parque municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, Campo Mourão.



Fonte: <http://trilhaselugares.com/parque-municipal-joaquim-teodoro-de-oliveira/> acesso em 12/12/2015

Esse roteiro foi desenvolvido com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental do mesmo colégio no ano de 2015. Alguns procedimentos foram adotados para a realização das atividades:

Etapas do trabalho de campo

Em sala de aula, disponibilizamos materiais e sugerimos aos alunos que estudassem a história do Parque, considerando as atividades realizadas no seu espaço, sendo elas conservacionista, educativas ou recreativas. Orientamos sobre a localização do Parque: a delimitação da área espacial a ser estudada, o rio que abastece o lago, as características básicas de fauna e flora e os impactos causados a esse ambiente.

Como trataríamos de transformações ocorridas no parque no espaço urbano, estudamos, observamos e avaliamos os processos de transformação das paisagens e ao mesmo tempo, avaliamos as habilidades dos alunos para desenvolver as atividades, bem como, o nível de absorção desse conhecimento.

Nesse roteiro, dividimos a classe em grupos de 03 a 04 alunos; selecionamos temas específicos para cada grupo, para que registrassem aspectos diferentes da paisagem, e nesses aspectos detalhassem o máximo possível das observações feitas para que na sistematização, os relatórios fossem mais ricos do que os registros individuais.

Figura 32 - transporte dos alunos para o trabalho de campo



Fonte Mario Bertoldo (Outubro de 2015)

Os alunos foram orientados, sobre algumas precauções quanto a visita ao trabalho de campo no parque urbano e sobre equipamentos de proteção pessoal:

- Uso do boné e filtro solar e repelente para insetos;
- Garrafas de água e lanche e descarte dos resíduos em locais apropriados;
- Máquina fotográfica, aparelho de telefone celular ou filmadora para registrar os fatos observados e caderneta de campo para anotações;
- Não depredação da vegetação e incomodo da fauna presente;
- Não dispersão do grande grupo, mesmo existindo a subdivisão de grupos para observação e registros.

Figura 33 - Instruções preliminares no trabalho de campo na visita ao Parque do Lago.



Fonte: Elisa Pazinato (Outubro de 2015)

O roteiro desse campo dirigido foi planejado visando atingir os seguintes objetivos didáticos:

- Estudar o Parque Municipal e sua relação com o processo urbano;
- Estudar a flora local, o assoreamento que acontece constantemente no lago;
- Entender o sistema de preservação da flora e da fauna local;
- Entender o Parque como uma área de preservação ambiental periurbana, considerada como “área verde”, protegida por leis ambientais, desempenhando função ecológica, paisagística e recreativa.

Caracterização do Parque do Lago.

Nos estudos realizados até esta data descobriu-se que o mesmo não tem um plano de manejo, por isso não ficou definido ao certo de que maneira esse parque pode ser explorado, porém, entendemos que é uma unidade de conservação, sendo possível a exploração turística, admitindo-se o uso indireto dos seus recursos naturais para atividades de Educação Ambiental. Doravante denominaremos o parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira de Parque do Lago.

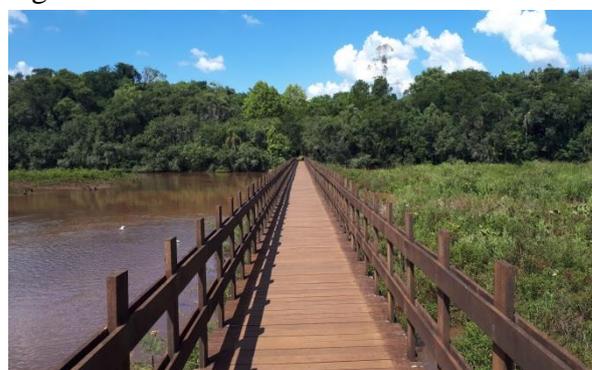
A área, planejada para lazer, conta com a presença de palco para apresentações, estrutura para lanchonete, quiosques e trapiche e uma sequência da trilha de caminhada, incluindo o lago represado do Rio do Campo, que abastece a cidade. Os espaços do Parque são assim utilizados:

- Área gramada para atividade cultural e de lazer, local de maior fluxo social com grande aglomeração de pessoas nos finais de semana; presença de trilha para caminhada com passarela (ponte) que une as duas margens do lago; estrutura para atividades físicas e de recreação.

Figura 34 - Espaço urbano ao entorno do Parque



Figura 35 - Passarela que une as margens do lago



Fonte: G.O., 6º ano (2015)

Figura 36 - Área para atividade física



Figura 37 - Passarela para caminhada



Fonte : Fonte: G.O., 6º ano (2015)

O “Parque do lago” é caracterizado por uma área antropizada com presença de vegetação riparia ou ciliar, presente em espaços próximos a corpos da água, palmáceas e plantas de jardim tropical como a “costela de adão”(figura 38), pertencente ao bioma da Mata Atlântica.

Figura 38 - Costela de Adão - *Monstera deliciosa*

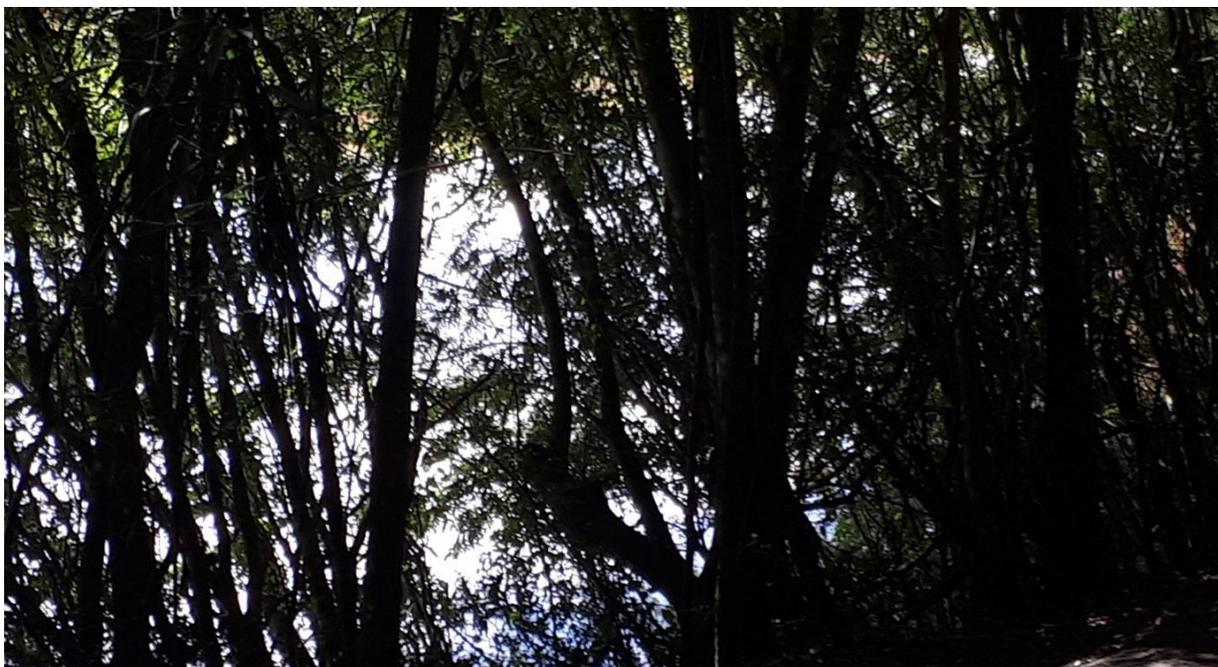


Figura 39 - Palmeira Jerivá - *Syagrus romanzoffiana*



Fonte: M.N.G., 6º ano (2015)

Figura 40 - Vegetação ripária ou ciliar



Fonte: A.F.L., 6º ano (2015)

- Flora ombrófila mista, de Mata Atlântica e estacional semidecidual de média conservação, com a presença de Araucárias, árvores mais baixas ou arbustos de área de transição.

Figura 41 - Vegetação Ombrófila Mista presença de Araucária



Fonte: F.S.A., 6º ano (2015)

- Área de várzea com vegetação inundada e nicho das capivaras, com maior possibilidade de assoreamento;

Figura 42 - Nicho das capivaras



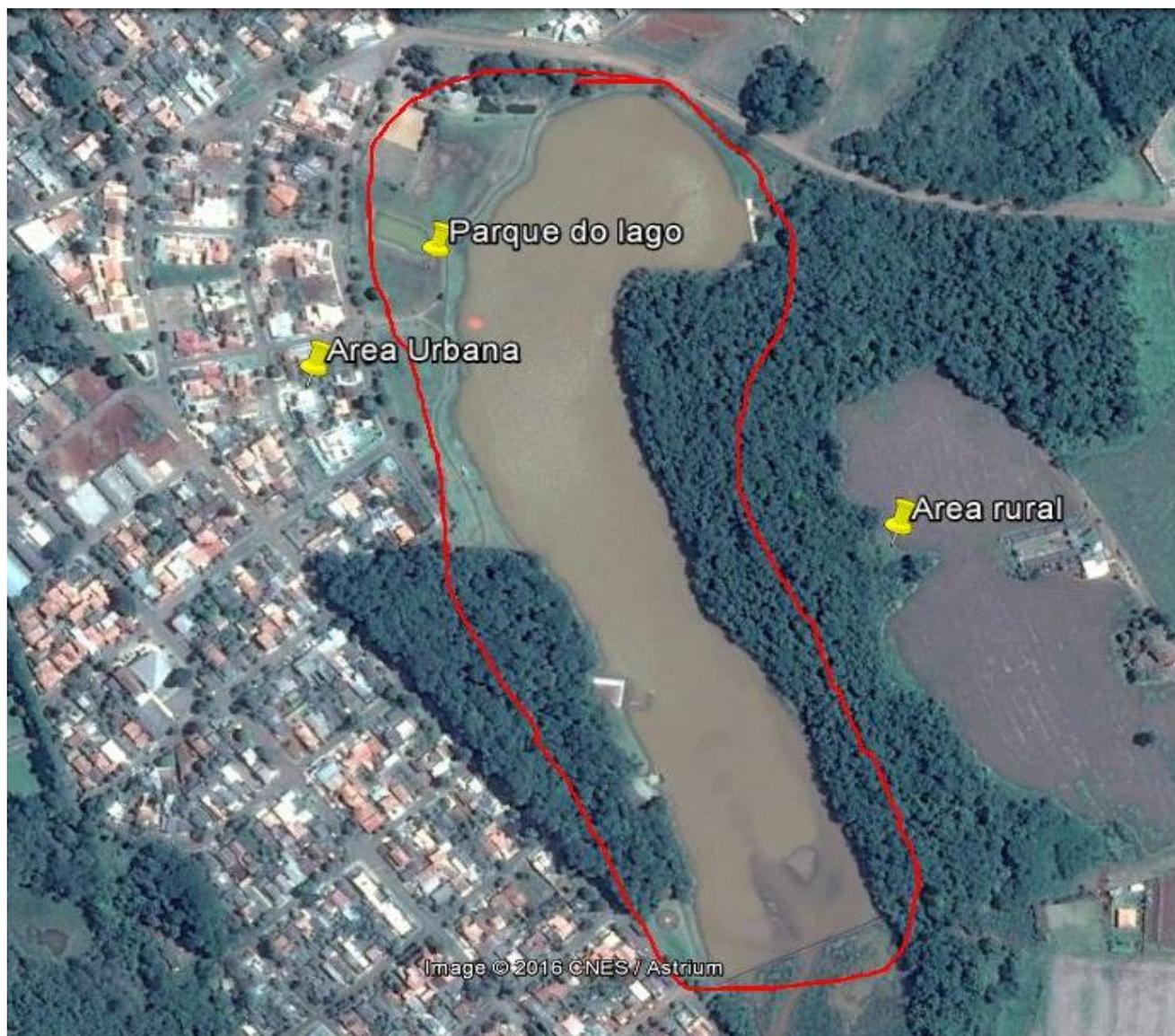
Fonte: A.R., 6º ano (2015)

Figura 43 - Área Assoreada do Parque



Fonte: A.R., 6º ano (2015)

Figura 44 - Parque Joaquim Teodoro de Oliveira



Fonte: Google Earth - 03/06/2016

Quadro 3 - Observação e caracterização da paisagem do Parque do lago em Campo Mourão.

Elementos Observados	Características do Local
Vegetação, solo, relevo e hidrografia.	<p>Vegetação: Na região encontra-se vegetação de Mata Atlântica em transição com a floresta estacional semidecidual e Ombrófila Mista (araucárias);</p> <p>Solo: Solo impactado pela ocupação urbana, parte pavimentada e parte ocupada por gramíneas;</p> <p>Relevo: Área de planalto fundo de vale (onde se localiza o parque do lago);</p>

Elementos Observados	Características do Local
	Hidrografia: O parque recebe água do Rio do Campo, que já chega ao local com muita poluição devido as atividades agrícolas e urbanas.
Aspecto ambientais (proteção/ conservação e degradação).	Lago: O lago artificial sofre assoreamento periódico. A falta de manutenção na montante da bacia hidrográfica que abastece o lago provoca na jusante o acúmulo de materiais leves e pesados que provocam o assoreamento do lago e um odor fétido, devido às diversas características químicas desses materiais.
Uso da terra (agricultura, pecuária moradias, indústrias, etc.).	No entorno do parque pode-se observar que: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ao oeste, o solo é utilizado para construções de alvenaria, esta área faz parte da zona urbana do município; ▪ Ao norte há construções urbanas, e parte dessa área é rural, utilizada para plantações e pecuária nas encostas; ▪ Ao leste, nota-se que há a predominância da área rural com plantações, principalmente, de soja e milho; ▪ Ao Sul, predomina a área rural com plantações e uma mancha urbana.

Fonte: Mario Bertoldo (Outubro de 2015)

Figura 45 - Observações e registros.



Fonte: Mario Bertoldo (Outubro de 2015)

Leitura, análise e ponto de vista dos alunos

Alguns alunos relataram a observação que fizeram no parque e concluíram que há evidências de pouco cuidado com a manutenção da área, perceberam cestos de lixo quebrados e resíduos sólidos descartados de maneira irregular;

- (aluno 01) “... fomos ao parque, que é muito bonito, mas de perto vimos a falta de cuidado com o ambiente, tinha plástico, lata e papel de bala jogado...”.

Perceberam também várias espécies de árvores sem a correta identificação;

- (aluno 02) “... vimos árvores de araucária, que são muito lindas, mas, foram poucas, poderia ter mais..., as outras árvores estão caindo com o vento...”
- (aluno 03) “... percebemos que parte da mata é uma vegetação que foi replantada: (secundária), e mista, com a presença de espécies de Araucária, Angico, e imbuia. Pelo menos, estas, puderam ser identificadas pelas placas de identificação...”

Encontraram um grande bando de capivaras, muitas em fase de reprodução;

- (aluno 04) “... as capivaras são em bastante, e se mexer com seus filhotes, elas avançam na gente.”
- (aluno 05) “... o lago é bonito, mas dá para ver a terra em grande parte da sua área, ele está assoreado. Quando isso acontece, tem que vir uma empresa de fora para fazer o desassoreamento; o lago é esgotado e a empresa tira o sedimento...”

Observaram o playground sem a devida manutenção, lanchonete sem funcionamento, tábuas do mirante em processo de apodrecimento, luminárias quebradas, etc.

- (aluno 06) “... o parquinho está estragado e tem poucos brinquedos para crianças...”.

Observaram, também, que o lago desse parque corre risco de extinção devido aos assoreamentos constantes que nele ocorre, em função do próprio represamento e da diminuição da vegetação ciliar no curso do rio.

- (aluno 07) “... o lago é muito bonito, mas está bem rasiado, tem muita terra que dá pra ver de longe.”.

Perceberam que a vida animal restringe-se praticamente ao nicho das capivaras;

- (aluno 08) “... quase não vi passarinhos, eu acho que os visitantes espantam eles...”.

Depois da visita ao local os alunos, usando os dados das anotações do caderno de campo, apresentaram suas considerações, bem como, construíram relatórios de suas experiências de acordo com o tema proposto, e como resultado do Trabalho de Campo, das

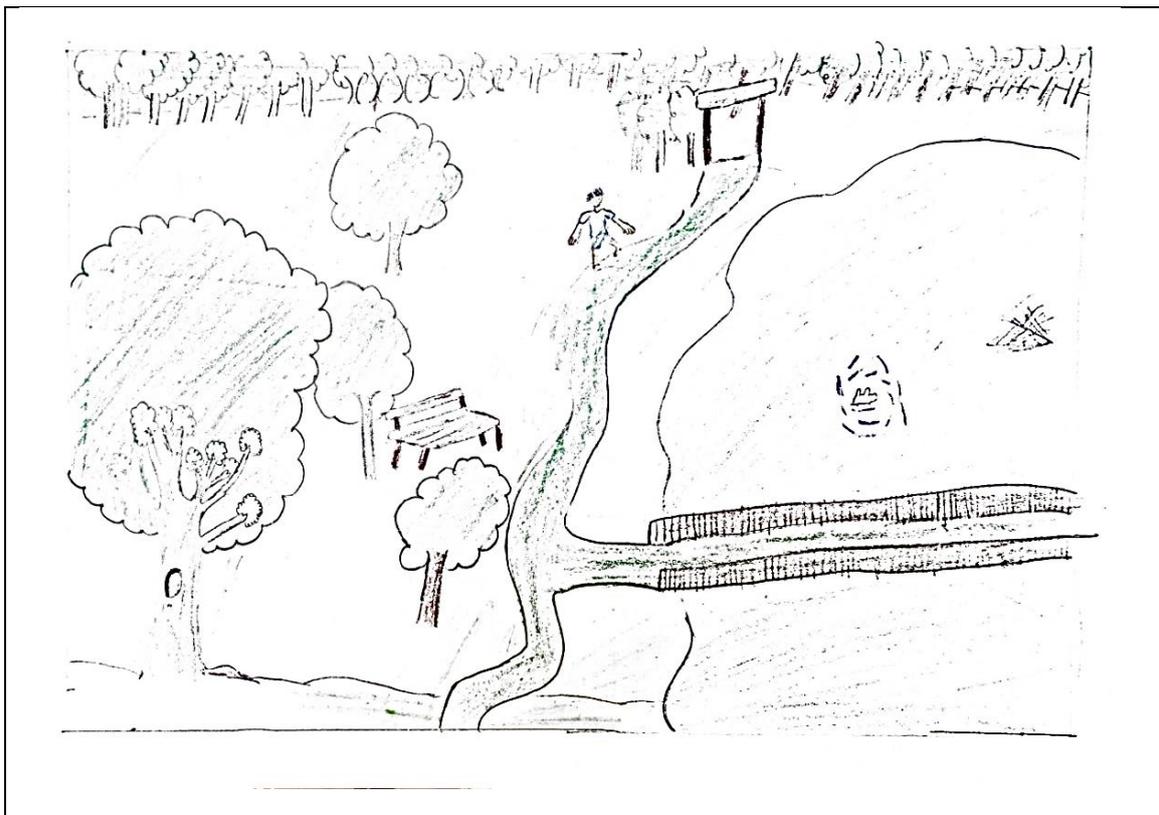
observações, registros e representações das condições do parque, elaboramos coletivamente propostas de educação ambiental que foram relacionadas abaixo:

Quadro 4 - Proposta de uso e implementação de políticas de educação ambiental no Parque.

Proposta de uso e implementação de políticas para o Parque	Ação	Esfera de competência.
Diminuição da produção de lixo por meio de programas de conscientização.	Programa de conscientização da sociedade.	Esfera municipal e responsabilidade cidadã.
Resolver o diminuir a ação do assoreamento.	Replanejamento da área alagada para amenizar o assoreamento.	Esfera estadual
Encostas do lago desmoranando	Reflorestamento da margem do lago	Esfera municipal
Presença de resíduos na área do parque	Fixação de maior número de lixeiras com sacolas acondicionadoras.	Esfera municipal
Locais de fragilidade da fauna e flora do Parque.	Implantação de barreiras para separar as pessoas dos locais de maior fragilidade.	Esfera municipal
Área agrícola muito próxima do Parque.	Fazer barreiras entre a área agrícola e o lago para não contaminar a água com agrotóxicos.	Esfera estadual municipal
Isolar o grupo de capivaras das áreas de transito do público	Criar condições para impedir o contato direto de pessoas com as capivaras, bem como, implementar métodos para não aumentar sua quantidade populacional.	Esfera municipal e estadual
Esclarecer a população sobre o uso racional dessa unidade de conservação.	Promover programas de educação ambiental e de uso sustentável do parque, como visitação, lazer e conscientização ambiental.	Esfera municipal

Ao retorno para sala de aula, além dos textos escritos, e propostas para serem implementadas no Parque, foi solicitado aos alunos que elaborassem desenhos com base nas informações visuais do campo. Esperou-se com os registros a reflexão para atitudes ambientais reais, visando alcançar o pleno conceito de desenvolvimento sustentável, a identificação dos elementos que formam a paisagem e a percepção das transformações nela ocorridas, bem como as relações harmônicas e desarmônicas presentes no ambiente.

Figura 46 - Representação do Parque do Lago



Fonte: A.S.S. 6º ano (2015)

Figura 47 - Representação de atitudes ambientais harmônicas e desarmônicas no ambiente



Fonte: A.P.S., 6º ano (2015)

Como resultado, notou-se que as paisagens desenhadas pelos alunos basearam-se no conceito de que a existência humana influencia o meio natural.

Diante dos dados obtidos, verificou-se que o Trabalho de campo desenvolvido com os alunos contribuiu para a construção de valores sociais, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade, identificando parâmetros para a melhoria de sua infraestrutura para o uso comunitário e ao mesmo tempo tornando esse espaço mais harmônico.

Também como forma de orientar sobre a preservação do meio ambiente, foi pedido para que os alunos construíssem textos retratando o que viram, analisaram e registraram sobre o Parque. Dentre os relatórios registramos a experiência do Aluno G.H., estudante do Sexto Ano do Ensino Fundamental no ano de 2015:

No dia 25 de outubro de 2015, nós, alunos do 6º ano “A”, juntamente como professor Mário Bertoldo realizamos um Trabalho de Campo na disciplina de geografia no Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira “Parque do Lago”. Realizamos estudos sobre a flora, isto é o tipo de vegetação como a Araucária e também a fauna local. A principal atração dos visitantes é o lago que é abastecido pelo Rio do Campo, esse lago é artificial e um o grande problema que o prejudica é a grande quantidade de sedimentos que leva ao processo de assoreamento. Outro entretenimento para o público é a trilha de caminhada que adentra pela mata depois de passar pela ponte de madeira, ligando uma margem à outra, e depois dessa caminhada, ao sair da mata, nos deparamos com outra ponte e uma bela cachoeira. Há também um grande campo gramado onde as pessoas praticam atividades recreativas e fazem piquenique. Existem poucos brinquedos para as crianças, mas há instrumentos para atividade física para as pessoas da terceira idade. No trajeto pudemos ver algumas capivaras, que, aparentemente, são dóceis ao público. O parque, em si, é muito bonito, mas analisando seus detalhes, percebe-se alguns descasos com o meio ambiente, em detrimento das atividades de lazer. Não foi possível ver peixes, nem muitos pássaros; não existem lixeiras suficientes, as raízes das árvores estão obstruídas pelo calçamento, muito lixo acumulado nas margens do lago. Porém o Trabalho de Campo foi excelente, pois tivemos o contato com o meio ambiente do Parque e pudemos perceber e analisar atividades antrópicas no seu entorno.

Considerando o relato acima, é fundamental para o desenvolvimento do Trabalho de Campo a capacidade de distinguir, por meio da observação e registro, os aspectos naturais e culturais da paisagem. O conceito de paisagem, guarda consigo o sentido de estar associada ao olhar, ou àquilo que se percebe, porém, com a interpretação apurada da paisagem, resultado da observação sistematizada, é possível absorver boa carga de informação sobre a organização social, econômica e política nela contida. Neste sentido, a leitura que a geografia faz da paisagem contribui para a formação de um aluno que lê e também interpreta as suas transformações.

Com relação ao tipo de redação sobre os fatos observados, Venturi (2011), destaca a descrição e a narração com objeto de estudo; sendo a descrição o relato dos aspectos simultâneos e propriedade de um objeto concreto em certo momento, como a análise de uma paisagem ou uma situação, e a narração como dinamismo das transformações havendo uma progressão temporal de um objeto ou um fato.

Esse autor caracteriza o bom texto do trabalho de campo como predominantemente descritivo-narrativo. Numa atividade de campo escolar empírica indutiva, a função do professor é guiar os alunos no processo de observação e interpretação para que estes possam interagir com os problemas encontrados. Desta forma, neste tipo de aula de campo, o aluno pode responder a um questionário que envolva questões teóricas e conceituais, previamente estabelecidas no caderno de campo.

Como exemplo o estudo pode ser dirigido ou semidirigido, mas é o professor que delimita e define o ritmo dos trabalhos, contribuindo na sistematização do mesmo, pois nas redações escolares dos alunos adolescentes, na maioria das vezes, os textos são simples descrições, uma vez que, o grau de absorção de conhecimento e de análise crítica ainda não está amadurecido. No entanto a redação do trabalho de campo, mesmo sendo descritiva, faz-se valer, caso essa descrição seja detalhada de informações que abordam todo o contexto do trabalho; o percurso realizado, as atividades desenvolvidas, o instrumental técnico, a descrição e observação dos lugares, o que valorizará o tipo de informação, conforme a temática trabalhada.

Em relação à vegetação, embora o geógrafo não tenha a obrigação de conhecer a flora e a fauna pelas espécies, deve saber diferenciar alguns aspectos da cobertura vegetal, se a mata é original ou secundária, sua densidade e seus estratos mais aparentes, se se trata de reflorestamento, cultivo ou silvicultura. Os rios também podem e devem ser trabalhados. A formação do tipo de canal (...) pode indicar aspectos do relevo e processos de sedimentação, assim como a presença de afloramentos rochosos ou sedimentos arenosos em seu leito ou em suas margens (...) a velocidade do fluxo e o volume das águas, além da topografia, podem indicar sazonalidade do regime fluvial etc. (VENTURI 2011, p. 487).

Venturi (2011) salienta que, como geralmente, esses relatórios são elaborados em grupos, é importante dividir tarefas, de modo a assegurar o registro organizado das informações. Dessa forma, entendemos que as diferentes anotações são complementares entre si.

Se, em campo, o professor pedir que os alunos observem uma mesma paisagem, nenhum relato será igual ao outro. Um poderá valorizar mais a vegetação; o seguinte, mais o relevo; o outro, ainda, o gado, as casas, as nuvens, o movimento dos veículos etc. É provável que a maioria dos alunos relate boa parte dos

elementos componentes da paisagem observada, mas em ordem, nível de detalhamento e adjetivações distintas. (VENTURI, 2011, p. 485).

Embora Venturi (2011) indique pequenos grupos para realização do relatório, pensamos que no Ensino Fundamental e Médio é importante o desenvolvimento de duas etapas: os registros individuais e os relatórios em pequenos grupos.

Conforme esse autor existem graus de maior ou menor de subjetividade nos textos produzidos pelos alunos, mas, é bem certo que não existem observadores neutros e nem textos neutros. Dessa forma, quanto maior a objetividade nos textos, maior clareza se terá dos fatos que interessam ao trabalho.

Ao término dos trabalhos percebemos que os estudantes entenderam de modo claro, o que é um parque urbano, quais suas finalidades e fragilidades; ao contato com a natureza, sensibilizaram-se com a importância das áreas verdes na cidade, identificaram a relação estabelecida entre o meio físico e social e, desenvolveram a percepção que, nada mais é, do que o resultado dos estímulos externos que auxiliaram na elaboração do pensamento lógico.

Perceberam também que só foi possível fazer essa interpretação graças a um olhar externo a escola, ao contato visível com o objeto pesquisado: aprendizado e experiência que não seria possível sem a prática investigativa do trabalho de campo.

4.3 O envolvimento do pesquisador com a pesquisa

É importante esclarecer que a pesquisa nas atividades de trabalho de campo não pode ser direcionada para enumerar receitas metodológicas, mas sim, evidenciar os fenômenos não citados ou não observados na paisagem, além de suas transformações. As observações de campo podem revelar questões que, sem uma análise profunda, parecem comuns e aceitáveis, principalmente quando se destacam determinadas situações, de caráter populacional e das questões sociais.

Lacoste, (1985), discute toda uma problemática da responsabilidade de pesquisar frente ao seu objeto de estudo e como devem ser realizadas essas pesquisas, considerando que o campo é uma prática indispensável, mas não satisfaz, por si só, e que é preciso haver um esforço para modificar as relações entre pesquisadores e pesquisados.

Considerar os cuidados que se deve adotar durante o processo de pesquisas é de grande importância, necessitando de uma relação dialógica com o objeto pesquisado, que

tanto pode ser uma porção do espaço terrestre ou um grupo humano, e nesse segundo caso, cuja população se torna alvo, é importante ter consciência do produto final a fim de poderem tomar parte nos projetos que lhes interessam.

O Trabalho de Campo sempre teve destaque na disciplina de geografia, tendo objetivo de discutir situações diversas, partindo sempre do método indutivo, usando os limites da observação como ponto de partida para compreender em que medida essa metodologia pode ser útil para a pesquisa, considerando a estrita relação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Para tanto surgem as perguntas: Qual a relação do pesquisador com seu objeto de estudo e como deve ser organizado um trabalho de pesquisa?

Segundo Pierre Monbeig (1946), teorizações apressadas sem o contato prévio necessário com a região estudada, produziriam apenas formulações inférteis, errôneas e preconceituosas. A característica do bom geógrafo estaria em bem usufruir do contato com a paisagem, observando, sentindo, inquirindo pessoas, enfim, percebendo com profundidade impressões, as quais poderiam ser mais uma cena comum. Nesse cometimento, é essencial uma capacidade de percepção hábil, que identifique elementos, os mais diversos possíveis, em constituição e em escala, passando desde as linhas do relevo às inferências geológicas, ao entendimento dos ecossistemas, até chegar à sensibilidade da subjetividade e social implícita às paisagens que já receberam a marca da sociedade. Essa era a recomendação que este professor fazia a seus alunos, como orientação para seus futuros trabalhos como geógrafos.

4.4 A articulação local, regional e global e o problema da escala no trabalho de campo.

O estudo de um elemento do quadro natural e de suas transformações eventuais, abordados em só um aspecto não é de essência geográfica se for considerado como um fim em si. As coletividades humanas não vivem em contato somente com cada um dos elementos de seu quadro de existência, mas com todos ao mesmo tempo. A Geografia aparece assim com uma ciência do espaço em função do que ela oferece aos homens e como uma ciência da conjuntura e do trabalho das sucessões de conjuntura.

O professor de geografia deve ter uma competência, que lhe torne possível uma leitura interpretativa de processos geomorfológicos, climatológicos, hidrológicos e fenômenos sociais.

No Trabalho de Campo é imprescindível a correlação clara sobre a natureza e sobre a escala dos fenômenos observados localmente. A diferenciação entre o que é específico e o

que é significativo nem sempre está claro. O problema central da escala é a exigência, tanto de um nível de abstração, como de alguma forma de mensuração inerentes às representações dos fenômenos que se observam. Nesse sentido, a escala permite tratar a questão da medida em relação ao espaço de referência, constituindo um modo de aproximação do real, devido à impossibilidade de compreendê-lo na sua totalidade.

A escala refere-se ao tamanho da manifestação do fenômeno geográfico sobre a superfície terrestre, sua determinação é uma tarefa complexa, pois os elementos não possuem limites claramente definidos e sua ação pode se propagar em inúmeras dimensões. Como exemplo, temos os efeitos do relevo sobre o espaço urbano, a delimitação da vegetação sobre a faixa urbanizada, a disposição do sistema de saneamento urbano sobre a estruturação das cidades, os problemas de saúde pública que precisam ser mapeados, dentre outros.

O espaço urbano é o lugar onde as transformações se dão na maior velocidade, geralmente motivadas pelos interesses econômicos e políticos presentes, por isso para se realizar um trabalho de pesquisa de campo e identificar os fenômenos é necessário estabelecer escalas, como ordem de grandeza, de domínio nos espaços temporais.

Em trabalhos sobre aspectos físicos é muito importante atentar para a questão de escala de abrangência e sobre qual finalidade fundamenta-se o estudo pretendido.

De acordo com Alentejano e Rocha-Leão (2006) torna-se evidente que no âmbito do ensino, também surgem necessidades em relação à articulação de escalas de análise para visualização dos fenômenos, já que muitos dos processos vistos e observados no campo se complementam com outros processos operantes em distintas escalas espaço-temporais.

A palavra escala é frequentemente utilizada para designar uma relação de proporção de objetos (ou superfícies) e sua representação no mapa, maquetes e desenhos, e indica o conjunto infinito de possibilidades e de representação do real, complexo multifacetado e multidimensional constituindo um modo necessário para abordá-lo (...). Como não se trata apenas de tamanho ou de representação gráfica, é preciso ultrapassar estes limites para enfrentar o desafio epistemológico que o tamanho da escala e a abordagem necessariamente fragmentada do real colocam. (CASTRO, 1993, p.129).

Nesse sentido, passa-se a análise do problema concreto do recorte espacial, considerando, dentro de um todo, o espaço que deve ser analisado. Cada recorte não tem o mesmo tamanho ou a mesma dimensão, mas colocam em evidências relações, fenômenos, fatos que os outros recortes não teriam na mesma visibilidade. O professor, para a preparação e sistematização de um Trabalho de Campo, necessita utilizar essas observações

e instruir os alunos a diferenciar as escalas. Por isso, antes da saída a campo e da determinação de um roteiro é importante o prévio conhecimento da área física, pertinência da medida e da área que se pretende estudar, isso é qual a dimensão do objeto de estudo. Mapas, cartas topográficas, imagem de satélite e fotografias aéreas são instrumentos didáticos que permitirão aos alunos terem maior entendimento da área de estudo.

O professor deve aguçar a curiosidade dos alunos para que eles identifiquem o desconhecido, partindo do que está próximo, podendo posteriormente vislumbrar aquilo que está mais distante, ligando o concreto ao imaginado ou percebido. Se a percepção dos diferentes fenômenos e escalas ocorrerem, o aluno estará muito próximo da decodificação do espaço.

Os alunos devem reconhecer os espaços de vivência. Ao estabelecerem relações cotidianas com o espaço em estudo, acabam por reconhecerem-se também como os objetos de estudo da Geografia, entendendo, assim, os objetivos da disciplina. Pode-se estabelecer, com os alunos, uma noção de processos que estão acontecendo em escalas diferenciadas, considerando com prioridade a escala local.

A Geografia deve proporcionar o conhecimento sobre a representação da paisagem e do seu espaço, e para isso, várias habilidades devem ser exploradas, dentre elas, a localização do lugar do aluno, aplicando as convenções nas leituras de mapas, observando o espaço próximo, levantando as características do espaço por meio de observações locais, e posteriormente, a transferência dessas características para as escalas regionais, considerando a leitura de mapas comparativos, por exemplo: interpretar diferentes tipos de paisagens a partir do lugar das vivências para espaços maiores e mais complexos.

Os estudos no campo referendam e complementam aqueles da sala de aula, dessa forma, quando os alunos vão ao campo, já devem ter um prévio conhecimento sobre o assunto. No caso da escala não é diferente e por ser um conteúdo que envolve conhecimento matemático pela sua especificidade, a absorção desse conhecimento é fundamental.

Considerando a figura 03 (página 43), um recorte da área escolhida para realização do roteiro do Projeto “O uso da cartografia, mapeamento colaborativo na análise de problemas urbanos” os alunos antecipadamente estudaram o espaço a percorrer dentro de um tempo determinado e com tarefas diferenciadas. Nesse caso trabalhou-se a escala gráfica, indicando que determinado espaço corresponderia a 100 (cem) metros de deslocamento, com análise do nível de aproximação e abrangência em uma escala grande.

Neste procedimento foi possível perceber, além da atividade de delimitação territorial cartográfica para observação de fatos, a dinamicidade do processo de urbanização, sem a qual não teria como dimensionar os problemas urbanos da região estudada.

Assim, além da representação do espaço físico, investigou-se também espaço social, ou seja, o modo de existência espacial da sociedade, dos fenômenos estudados na perspectiva geográfica. Nesse exemplo, segundo Castro (1993), a escala cartográfica define a área estudada e o espaço delimitado, e a escala geográfica refere-se à distribuição dos fenômenos, cuja natureza se altera de acordo com as escalas de observação que nesse caso teve a intenção de ressaltar a sua importância para a compreensão dos papéis desempenhados na paisagem.

5 A PROBLEMÁTICA DO TRABALHO DE CAMPO, A PROFISSIONALIZAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

Essa etapa da pesquisa, como desdobramento dos trabalhos de campo, desenvolvidos com alunos do Ensino Fundamental e Médio investigou as práticas dos professores que lecionam a disciplina de Geografia. Teve como intuito analisar o conhecimento teórico, a formação didática e as estratégias metodológicas adotadas. Com este objetivo analisamos como os professores entendem e desenvolvem a prática do Trabalho de Campo, no ensino da geografia, com o intuito de identificar as práticas convencionais utilizadas em sala de aula, comparando-as às inovações didáticas, disponíveis, mas nem sempre utilizadas pelos professores.

Os questionamentos abordaram a maneira e, em que medida os professores utilizam o trabalho de campo subsidiando conteúdos teóricos da geografia; quais dificuldades apresentam, quais metodologias em uso e quais os resultados com relação à aprendizagem, bem como, seus êxitos e frustrações na realização dessa prática educativa.

Determinamos a amostragem a partir dos professores do Ensino Fundamental e Médio de escolas da rede pública estadual e particulares de Campo Mourão. A amostra foi composta de entrevistas e de questionários respondidos por 22 professores: 19 professores de 07 escolas estaduais e 03 professores de duas escolas particulares da cidade de Campo Mourão, Paraná. Na análise dos dados, utilizou-se estatística descritiva e de correlação.

Todos os professores que compuseram a amostragem são graduados em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR *campus* de Campo Mourão, possuem pós-graduação *lato sensu* e contam com aproximadamente dez anos de experiência como docentes.

Como resultado dos questionários aplicados aos professores levantou-se: insatisfação com a carga horária da disciplina de Geografia nos anos letivos, o que, segundo os professores, é insuficiente para o cumprimento do planejamento anual; impossibilidade de transmitir completamente em sala de aula os conteúdos propostos pelos livros didáticos, e, conseqüentemente, atividades práticas extraclasse, como o trabalho de campo, que dificilmente são realizados frente a este embate entre conteúdo e carga horária.

O planejamento de trabalho escolar atualmente tem sido realizado a cada trimestre, orientado pelo Projeto Político Pedagógico da escola, nas dimensões propostas pelas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná e nas propostas da disciplina para a escola, considerando a realidade da comunidade escolar. Porém, é muito comum professores

assumirem uma prática com referências apenas nos conteúdos propostos pelo livro didático adotado. Nota-se, como isto, uma dissonância entre a proposta e a prática realizada em sala de aula. Diante disso, confirma-se que, historicamente, a relação entre a teoria e a prática é um processo desafiador, pois existe uma intenção, mas a prática não é efetivada. Percebeu-se também que as lacunas relacionadas à formação acadêmica tornaram-se, ao longo do tempo, obstáculos para uma prática mais significativa com relação à realização do Trabalho de Campo.

Diante dos resultados obtidos, entendemos que o problema não se restringe a prática didática do professor, mas também à formação acadêmica. Sobre a prática didática dos professores, identificou-se que o discurso acata parcialmente as Diretrizes Curriculares, que se baseiam nas práticas já realizadas e na experiência já vivenciadas, utilizando recursos didáticos convencionais como leitura de textos, uso exclusivo do livro didático como fonte de informação, avaliação mediante instrumento de estímulo e resposta de testes e questionários.

Os professores consultados nesta pesquisa justificaram a falta de habilidade para a realização de trabalho de campo considerando suas formações acadêmicas, consideraram que na época da graduação a carga horária destinada à prática de ensino era reduzida, se comparada a matriz curricular atual. Hodiernamente, a formação acadêmica contempla disciplinas como: Fundamentos Teóricos e Epistemológicos em Educação Ambiental; Métodos e Técnicas de Pesquisa Aplicada à Geografia; Geografia Urbana, dentre outras, que permitem maior domínio sobre as técnicas espaciais de pesquisa.

Monbeig (1946) salienta que:

É grande a margem entre o ensino de tal geografia e o que atualmente é dado em grande número de classes. Aceita-se de boamente que a causa disso está menos na geografia do que naqueles que acreditam ensina-la? Fosse melhor o conhecimento dos trabalhos e concepções geográficas atuais e não se pensaria em reduzir o ensino da geografia e dar-se-ia mais atenção aos processos de recrutamento e formação de professores. O mal não está na disciplina ensinada, mas na forma por que é feito esse ensino, por professores, cujos conhecimentos e noções teóricas estão aquém do atual estado da ciência. (MONBEIG, 1946, p.21).

Note que Monbeig (1946), já refletia sobre a formação dos professores, desejando também uma mudança no ensino de Geografia, reconhecendo que o valor formativo da Geografia deveria merecer melhor atenção. Esse autor destaca que “ninguém pode improvisar ser professor (...), da mesma forma, nenhum professor de Geografia pode improvisar ser engenheiro ou advogado”.

Esse autor salientava que a qualidade de ensino lucra com severo preparo dos professores, ao contrário, os alunos, alvo do ensino, ficarão sem a formação adequada. É emergente a construção de metodologias que faça com que a comunicação entre professor e aluno, direcione de forma mais eficaz o processo de ensino.

A coleta de dados junto aos professores confirmou que a prática do Trabalho de Campo é uma excelente ferramenta de ensino e, a partir dele, se obtêm bons resultados relativos à apreensão dos conteúdos pelos alunos, mesmo sendo realizadas eventualmente. Todos os alunos que participaram do Trabalho de Campo atribuíram grande importância a essa atividade.

De acordo com os professores pesquisados, a maioria dos alunos entende a disciplina de Geografia a partir dos conteúdos difundidos na escola, no entanto, desconhecem os conceitos básicos estruturantes da proposta para o ensino de Geografia no Estado do Paraná, ou seja, demonstram interesse e curiosidade pelos conteúdos expostos, mas não são esclarecidos sobre os conceitos como lugar, território, região, paisagem, dentre outros que esclarecem as escalas de análises desse conhecimento.

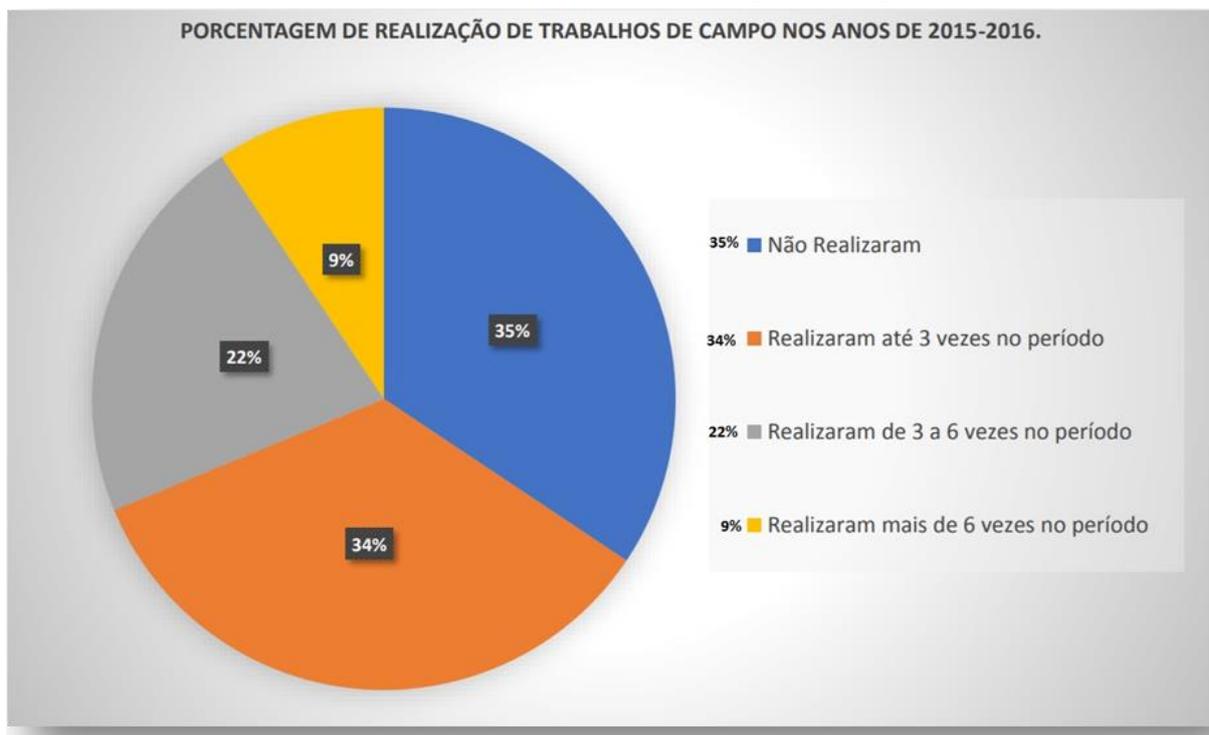
A assimilação dos conceitos geográficos emerge como tema principal das pesquisas no ensino de Geografia, sendo fundamental na instrumentalização do pensamento espacial e é importante que sejam trabalhados e assimilados pelos alunos para a melhor percepção do espaço vivido por eles.

O processo de ensino e aprendizagem demanda de procedimentos que envolvem tanto a formação geográfica, quanto didática dos professores. No ensino, muitas são as dificuldades enfrentadas no âmbito escolar em decorrência dessa formação deficiente de profissionais. Em virtude disto muitos professores acabam desmotivados para desenvolver atividades educativas ambientais.

Sobre os dados informados pelos professores levantamos que todos os professores questionados declararam que o Trabalho de Campo é um recurso didático eficaz para a aprendizagem de conteúdos em Geografia, mesmo que não adotem com frequência, a metodologia em questão.

Os professores utilizaram as seguintes justificativas para a não realização de Trabalhos de Campo :a) os mesmos não dispõem de tempo para esta prática, comparando-se a professores do ensino superior; b) a Secretaria de Educação e a direção escolar, no caso de escolas particulares, não lhes oportunizam cursos de aperfeiçoamento específico; c) para alguns professores, falta-lhes o interesse para utilização deste recurso de ensino.

Gráfico 1 - Amostra realizada com professores do Ensino público e particular



Fonte: Mario Bertoldo, 2016

Dessa forma, embora se dissemine a ideia de um ensino moderno que tenha significado para o aluno, percebemos, na prática, a permanência de um ensino convencional sustentado por aulas expositivas e informações textuais.

Outra justificativa apresentada foi a de que os professores entendidos como “tradicionais” que estão em término de carreira encontram-se desmotivados e cansados pelos anos de trabalho, muitos com problemas de saúde, precisando se afastar periodicamente das funções e entendem que suas habilidades escolares não são àquelas almeçadas pelos alunos, dessa forma, didáticas defasadas desenvolvem-se com um ensino sem inovações metodológicas.

Se de um lado isso ocorre, de outro encontram-se os novos educadores, recém formados, que estão com novas ideias elaboradas e prontas para entrar em ação, segundo eles, na Geografia entendida como tradicional, o professor aborda o conteúdo programático enfatizado apenas em teorias, citações e definições que são usualmente estabelecidas pelos livros didáticos, e somente em algumas aulas, o uso de instrumentos como projetor de imagens, fotos ou mapas vem ocupar o espaço deixado na defasagem da explicação, mas sem uma interação com a realidade vivida.

Pensando assim, grande parte dos novos professores tem procurado construir novas estratégias didáticas elaboradas sob a influência do uso dos novos recursos tecnológicos, resultando em práticas satisfatórias para a aprendizagem dos alunos.

O trabalho de campo no ensino de Geografia pode ser desafiador e capaz de despertar o interesse dos alunos, e, mais além, a identificação e a busca de resolução dos problemas acabam incentivando cada vez mais a sua participação em sociedade. Os adolescentes precisam ser despertados, desafiados para se sentirem importantes e participativos.

Os alunos, em especial os mais jovens, apresentam muitas formas de defesa frente à aprendizagem quando não conseguem assimilar os conhecimentos dos livros didáticos a partir das explanações do professor. Desta forma, não se tornam competitivos nas aulas e, como fuga apresentam desinteresse, resistência e indisciplina. A forma de resistência expressa pelo aluno e sua concepção sobre o espaço geográfico devem ser bem entendidas.

Ao contrário de subestimá-la ou desconsiderá-la, cabe ao professor, preocupado em educar para a cidadania, conseguir transformar essa ação. Despertar e manter a curiosidade são a primeira tarefa da escola e, um desafio constante para os professores, cujos resultados nem sempre são imediatos, porém são construídos num processo prazeroso e significativo.

Deffune e Lima (2013) enfatizam que.

Embora encontre problemas de ordem comportamental, é um fato que a metodologia de ensino de uma aula convencional nem sempre propiciará indagações, pesquisas, questionamentos, intervenções, escolha em sala de aula; centra-se, em alguns casos, apenas na memorização dos conteúdos, simplificando, assim, pretensamente o trabalho do professor. (DEFFUNE e LIMA, 2013, p. 84).

Pensando assim, o papel do professor deve ser o de propiciar a assimilação de conhecimentos científicos na escola e, para alcançar este propósito, faz-se necessário, além da instrumentalização teórica e metodológica, também, o uso de recursos didáticos e tecnológicos para que esta prática se torne eficaz e satisfatória. Ou seja, transformar essa realidade por meio de estratégias didáticas eficazes para os alunos, objetivando também desenvolver suas potencialidades enquanto sujeitos.

Dessa forma expusemos algumas respostas obtidas junto a 07, dos 22 professores questionados que versaram sobre diversos aspectos que podem contribuir para a realização do Trabalho de Campo.

Perguntamos a eles como tratavam as experiências pedagógicas e didáticas em relação ao ensino de geografia. Os professores responderam que explicam os conteúdos aos alunos respaldando-se no livro didático, esforçando-se com práticas inovadoras e eficientes para aprendizagem. Informaram que o tempo de aula semanal não permite desenvolver constantes atividades práticas de saída de campo; visitas aos laboratórios de informática e apresentação de trabalho, o que acreditam ser muito importante:

Professor 1: “...Trabalho em três escolas e os recursos físicos, tecnológicos são limitados. Vejo que os alunos ainda se preocupam em decorar determinadas informações, questionam pouco, e, mesmo trabalhando com vários outros recursos didáticos eu percebo que se distraem bastante, demonstrando um fraco rendimento escolar. Procuro não avaliar simplesmente para cumprir o cronograma, porém o tempo de aula semanal, não me permite desenvolver constantemente atividades práticas de saída de campo, visitas ao laboratório de informática e apresentação de trabalhos, o que acredito que são muito importantes.”

Quando perguntados quanto as suas formações acadêmicas; se os horários cursados nas disciplinas de metodologia de ensino em disciplinas de práticas didáticas foram suficientes, eles nos responderam que atualmente as universidades oferecem uma carga horária maior nas disciplinas de práticas educativas, e avaliaram que a formação melhorou se comparada com a que eles tiveram no seu período de licenciatura.

Professor 2 “... Na minha formação foi muito diferente; acredito que tive pouca disciplina referente à prática educativa, se não me engano foi a Estrutura de funcionamento e metodologia do ensino de 1º e 2º graus, (Métodos e Técnicas de Pesquisa), e psicologia da educação, sendo essas disciplinas com pouca carga horária. Hoje em dia, os universitários, possuem uma carga horária muito maior, aprendem técnicas de pesquisa, atuando em aulas práticas, e entendem o funcionamento da escola e de seu currículo e desenvolvem projetos educativos.”

Porém quando o professor mencionou essas disciplinas da grade curricular universitária, de fato referiu-se à formação pedagógica, que embora, existam na formação universitária, mas não preparam para o trabalho de campo.

Continuamos a questionar os professores sobre o conhecimento que eles tinham sobre o Trabalho de Campo e sua relação com a disciplina de Geografia, buscando saber quais os benefícios dessa atividade, os professores explicaram que o ensino de Geografia no trabalho de campo é uma atividade que estuda o espaço; um experimento prático que objetiva elevar o nível de compreensão do aluno, através do maior contato com o meio natural e externo a escola, ajuda a fazer relações com objeto de estudo e possibilita relacionar teoria e prática resultando numa forma de aprendizado mais atraente. Quanto às

dificuldades para a realização dos Trabalhos de Campo com alunos, os professores apontaram diversos empecilhos:

Professor 3 “...O grau de dificuldade, normalmente está relacionado ao tipo de trabalho que se pretende desenvolver; alguns podem ser realizados sem custos no próprio ambiente escolar, arredores da escola, no bairro onde os alunos residem ou em localidades próximas a escola, mas quando é algo planejado em locais mais afastados e também em outros municípios, essa atividade requer recursos financeiros e quando envolve dinheiro é sempre uma dificuldade, pois a escola pública e seus alunos possuem poucas condições financeiras e, geralmente ficamos na dependência de auxílio de entidades ligadas ao poder público, principalmente na disponibilidade de ônibus para o traslado. Vejo, também, que o tempo não é suficiente e, como tenho 40 horas semanais trabalhadas, se torna muito difícil a realização dessas atividades. A direção e orientação pedagógica sempre questionam sobre efetivação da aprendizagem, mas quando vou fazer trabalho de campo, mesmo que esta atividade conste no meu Plano de Trabalho Docente, percebo grandes empecilhos como: a autorização para a saída dos alunos, cujos pais questionam sempre, preocupados com a segurança dos filhos; ausência de ônibus para percorrer o trajeto, a falta de monitores para acompanhar os alunos; reclamação de alguns colegas professores que marcaram atividade avaliativa naquela data; falta de tempo para visita antecipada ao local e ausência de alguns materiais didáticos que necessitam ser usados, etc.”

Quando perguntados se conseguiam tratar os conteúdos didáticos quando realizavam os Trabalhos de Campo, responderam que:

Professor 4. “Sim, ao realizar um trabalho de campo procuro antes realizar estudos com os alunos para detectar o que sabem sobre o tema. Depois dessa etapa, procuro promover discussões, levantar hipóteses que levem o aluno a investigar e obter mais conhecimento sobre o assunto e, posteriormente procuro relacionar o que produziram com subsídios de autores que tratam sobre a temática para, poderem reelaborar seus conceitos sobre o tema em questão a partir de suas ideias e também de autores (...). Para citar um exemplo: outro dia falando para os meus alunos sobre os biomas brasileiros, e, depois de bastante teoria, saímos a campo visitar uma região que tinha várias araucárias na cidade e, visitamos também a estação ecológica do cerrado em Campo Mourão. Os alunos fizeram a relação teoria e prática e creio que a aprendizagem foi satisfatória”.

Perguntamos aos professores quais as razões que motivam ou motivaram desenvolver o Trabalho de Campo em suas aulas e, os mesmos responderam que o trabalho de campo é uma prática positiva e capaz de produzir e efetivar uma relação ensino e aprendizagem interacionista e dinâmica.

Professor 5. “Normalmente, espero despertar o interesse do aluno para o tema; que ele se aproprie de saberes que enriqueça seu conhecimento e com criticidade, consiga conhecer a sua realidade e relacionar de forma eficaz teoria e prática, mas principalmente que ele possa aprender de forma significativa, na totalidade e exercer sua cidadania de forma plena.”

Os Trabalhos de Campo normalmente surgem efeitos positivos. Quando questionados sobre as expectativas de aprendizagem, os professores foram claros ao dizer que as expectativas, na maioria das vezes, são alcançadas:

Professor 6. “Na maioria das vezes, as expectativas são alcançadas, pois os alunos valorizam bastante os trabalhos realizados fora do espaço escolar, se mostram mais comunicativos e interessados, mais preocupados com a aprendizagem e com a assimilação dos conhecimentos.”

A partir da compreensão de que o Trabalho de Campo não precisa ser desenvolvido somente fora do espaço escolar, perguntamos aos professores se realizavam essa prática dentro do espaço escolar.

Professor 7. “Sim, já realizei trabalho de campo no interior da escola, onde alguns alunos realizaram entrevistas junto aos demais alunos da escola. Na época, eu me lembro de que era uma pesquisa sobre um perfil socioeconômico dos estudantes. Deu bastante trabalho para sistematizar, mas, foi produtivo. Outro trabalho foi com relação à horta da escola. Depois de falar sobre os resíduos orgânicos, pedimos para que os alunos levassem a escola restos de frutas, e legumes e que depositassem no solo da na horta, para que esses materiais pudessem adubar a terra no trabalho de compostagem. Percebi o projeto foi produtivo, todos colaboraram e, os alunos mostraram-se comprometidos com o trabalho. (...). Eu entendo que o trabalho de campo por si só não é suficiente para efetivar a aprendizagem, mas acredito ser uma prática indispensável no ensino de Geografia, por possibilitar um caminho capaz de levar o aluno a novas experiências.”

Assim, como algumas questões foram dirigidas aos professores, outras, foram dirigidas aos alunos. Cerca de 90 (noventa) alunos responderam ao questionário, divididos entre estudantes do Ensino Médio e Fundamental. Os questionamentos foram no sentido de investigar de que forma assimilam o conhecimento geográfico, quando estes são tratados pelas atividades em trabalho de campo.

Perguntamos se o trabalho de campo em geografia contribui para o seu desenvolvimento cognitivo; se promove condições para uma leitura mais apurada da paisagem geográfica e suas transformações; se conseguem estabelecer relação com as aulas teóricas e, se essa prática melhora o rendimento escolar.

Para verificar a extensão desse aprendizado, perguntamos de que forma observaram e analisaram os aspectos da paisagem encontrada no campo, como exemplo: a hidrografia, a vegetação local, as atividades econômicas transformadoras do espaço, a ação do ser humano sobre o meio, dentre outras observações.

Os alunos, de modo geral, principalmente aqueles do ensino médio, por serem mais experientes, gostam das atividades externas a escola e responderam que, se todos os

conteúdos do livro didático fossem repassados dessa maneira, seria muito mais fácil a assimilação do conhecimento geográfico.

Quando questionados sobre as práticas dos professores de geografia, eles disseram que alguns professores inovam na forma de repassar conteúdos e estes acabam tendo mais significado, mas segundo eles, existem professores que repassam, quase sempre, os conteúdos com leituras e atividades no quadro, conforme desabafam alguns alunos:

Perguntados se gostavam da aula de campo em geografia, eles responderam que gostavam das aulas práticas. Enfatizaram que as aulas fora de sala de aula desperta o aprendizado e a reflexão:

Aluno – a, (6º ano do Ensino Fundamental): “...ele (o professor) não traz imagens e nem filmes, não pede para a gente colorir mapas e não passeia com a gente, mas quando saímos visitar outros lugares, eu gosto. Gosto de sair da escola e visitar outros lugares da cidade; eu aprendo bastante e levo esse aprendizado para a vida”.

Questionados sobre o significado das aulas de campo, eles responderam que todas as aulas fora da escola despertam a curiosidade facilitando a aprendizagem do conteúdo:

Aluno – b, (1º ano do Ensino Médio): “... os professores precisam sair mais com a gente, outro dia, o professor de geografia nos levou ao aterro sanitário da cidade, vi o destino do nosso lixo. Ele falou também do chorume e disse que é o caldo do lixo decomposto. Somente na aula, e com dados sobre a produção de lixo, não conseguimos entender, mas vendo tudo aquilo lá, ficou mais fácil”.

Questionados sobre a correlação que fazem entre a aula de campo e os conteúdos propostos nos livros didáticos, os alunos disseram que por intermédio da aula de campo, conseguem absorver boa parte da matéria escolar:

Aluno – c, (6º ano do Ensino Fundamental): “... sim, é muito bom ir visitar a mata nos fundos da escola, lá tem uma voçoroca, pássaros e araucária. Eu aprendi um pouco sobre os biomas brasileiros que é o conteúdo que estamos estudando”.

Questionados se através do trabalho de campo conseguem fazer correlações entre os conteúdos de abordagem social e econômica, referendados nos livros didáticos, os alunos disseram que sim, principalmente àqueles que se relacionam ao mundo da produção e do trabalho:

Aluno – d (3º ano do Ensino Médio): “... quando o professor nos leva a conhecer uma fábrica ou cooperativa, observar os trabalhadores e entender a linha de produção, nós percebemos que a escola também prepara para a vida. Já que estamos no terceiro ano e deixaremos a escola no final do ano, é bom entender o mundo do trabalho e as relações lá estabelecidas para que possamos escolher melhor o nosso futuro.”.

Depois de todas as estratégias desenvolvidas percebeu-se que as atividades de campo apresentaram resultados satisfatórios. A percepção dos aspectos presentes no espaço geográfico que está a sua volta e faz parte do seu cotidiano é de grande importância para a formação intelectual dos alunos.

O trabalho de campo amplia as possibilidades de assimilar o conhecimento. A observação, os registros, a vivência, a análise dos aspectos presentes no espaço geográfico promove uma interpretação mais ampla dos conteúdos didáticos em direção a uma aprendizagem mais significativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo propiciou aos alunos a observação da realidade geográfica. As atividades didáticas, propostas para serem realizadas no campo, serviram de balizadoras para a leitura e compreensão da paisagem, considerando os aspectos físicos, sociais e culturais das áreas visitadas; analisando a paisagem, levantando problemas e sugerindo propostas de intervenção ambiental.

Depois das diversas práticas de Trabalho de Campo desenvolvidas no espaço escolar nos anos de 2015 e 2016 percebeu-se que os alunos conseguiram, de modo satisfatório; observar, analisar, registrar e estabelecer relações entre os campos de informações da sala de aula e das atividades realizadas nos ambientes externos à escola.

Esta pesquisa veio contribuir para reflexões acerca dos diferentes recursos didáticos no ensino de Geografia, em especial o trabalho de campo. Verificamos que o Trabalho de Campo contribui significativamente para motivação e para a aprendizagem, estimula a observação e descrição e leitura das paisagens preparando os alunos para tirarem suas conclusões e elaborarem sugestões para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado.

As atividades desenvolvidas com as turmas e alunos envolvidos, de acordo com a série e grau de estudo, ocorreram com encaminhamentos metodológicos diferenciados. Em algumas turmas, os alunos mais novos apresentaram maiores dificuldades em participar das atividades em sala de aula, porém, outros, mais desinibidos, foram mais práticos e participativos no desenvolvimento das atividades.

Em todas as turmas, verificamos que nas aulas expositivas e dialogadas, tanto para a preparação para os trabalhos de campo quanto para as sistematizações dos mesmos, considerando as dificuldades cognitivas de aprendizagem, a interação dos alunos ocorreu de modo satisfatório. No entanto, percebemos que os níveis de absorção de conteúdos variaram de acordo com as turmas; algumas, interagindo mais que outras, demonstrando maior compreensão dos conteúdos propostos.

Já nas aulas de campo, as turmas participaram de maneira mais expressiva, demonstraram maior interação com as atividades propostas, assim como na compreensão dos conteúdos. Com essas experiências pôde-se notar um grande envolvimento dos alunos, e melhoria na aprendizagem, pois passaram a observar a paisagem ao seu redor com um olhar mais crítico.

Percebeu-se que através do Trabalho de Campo aconteceram inúmeras possibilidades e oportunidades de interação com o meio externo a escola, fazendo com que os alunos se sentissem íntegros, contextualizando suas realidades culturais, sociais e ambientais.

Por fim, o trabalho de campo, como metodologia de ensino, não é um momento à parte da vida escolar. Pelo contrário, ele deve ser parte integrante do processo educativo e além de proporcionar a construção de um currículo escolar mais significativo para os alunos, proporciona a autonomia docente, baseada em experiências concretas no processo de ensino e aprendizagem.

7 REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab'Saber. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALENTEJANO, Paulo R. R.; ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?** In: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, N. 84, P. 51 – 68, 2006.

ALMEIDA, Rosângela D.de. PASSINI, Elza Yassuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. DIRETRIZES CURRICULARES. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991> Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação Parecer CES 492/2001>. Acesso em: 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.985**, de 18 de Julho de 2000. Regulamenta o artigo 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L9985.htm>. Acesso em: 17 ago. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio**: linguagem, códigos e suas tecnologias. v.1. Brasília, 2006.

CALLAI, Helena C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí, Unijuí, 1988.

CAPEL, H. Filosofia e ciência na Geografia contemporânea: uma introdução à Geografia. Maringá: Massoni, 2004.

CAPEL, H. O Nascimento da ciência moderna e a América: o papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território. Maringá Eduem, 1999

CARDOSO, Oséias. Olhar geográfico sobre a gestão de unidade de conservação presente em espaço periurbano. In: **II Simpósio de estudos urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço**. Campo Mourão, Agosto, 2013.

CARDOSO, Oséias; SOUZA, Paula; LIBERALI, Lucimara. **Pré-plano de manejo do Parque Municipal Gralha Azul**. Campo Mourão, 2007.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (ORGs.). **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.2, p. 165-176, maio/ago. 2011.

CORRÊA, Roberto L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989

COSTA, Fabio Rodrigues da. **Geografia: Correntes do Pensamento e conceitos**. Curitiba, CRV, 2017

DEFFUNE, G.; LIMA, M.G. (Orgs.). **Da Geografia que se faz à Geografia que se quer: muitos caminhos a percorrer**. Maringá -PR: EDUEM, 2013.

DEFFUNE, G. **A prática problematizadora do professor, e, o prazer do aluno estudar Geografia, será que é possível?** Maringá-PR: Coleção Fundamentum N.58, EDUEM, 2010.

DEFFUNE, Glaucia. LIMA, Maria das Graças de. (Org.). **Da Geografia que se faz à Geografia que se quer: muitos caminhos a percorrer**. Maringá: Eduem, 2013

GEORGE, Pierre. **A geografia ativa**. Primeira Parte – Problemas, Doutrina e método. São Paulo – Rio de Janeiro: DIFIEL, 1968

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no ensino de Geografia**. 2ª reimp. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2003.

KIMBLE, George H. T. A geografia na Idade Média. Londrina: UEL, 2000. M
MOREIRA, Ruy. O círculo e a espiral: para a crítica da geografia que se ensina – 1. Niterói: Edições AGB Niterói, 2004.

LACOSTE, Yves. **A Geografia**. In: CHATELET, François. **História da filosofia**. A filosofia das Ciências Sociais. Vol.7. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Seleção de Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LIMA, Maria das Graças. **A didática do professor de Geografia – Caso da cidade de São Paulo**. Tese de doutoramento defendida na USP em 2001. 207p.

LIMA. Leonardo Branco, **Comunicação e geografia da cartografia tradicional aos mapas colaborativos**. Dissertação de Mestrado, Salvador 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Mario/Downloads/Leonardo-Branco-Lima%20(1).pdf >. Acesso em: 10 jul. 2017.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: Teoria e Prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: Fundamentos e Estratégias. Maringá: Eduem 2010.

LOPES, Claudivan Sanches; OLIVEIRA, José Ricardo. A importância do conhecimento pedagógico do conteúdo para o desenvolvimento da didática da geografia e a consolidação da profissionalidade docente. **Geoiंगा: Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia**. Maringá, v. 7, n. 1, p. 234-255, 2015 issn 2175-862x (online). Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/geoinga/article/view/27702/15362>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

MONBEIG, P. **Ensaio de geografia humana brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MONBEIG, P. **Novos estudos de Geografia humana brasileira**. São Paulo: Difel, 1957.

MONBEIG, P. Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa. Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro: ano VII, nºs 1 e 2. 1954.

MONBEIG, Pierre. Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa. **Revista Tamoio**, Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro- FFP. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/609/641>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MONBEIG, Pierre. Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa. **Revista Tamoio**, Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro- FFP. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/609/641>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Col. Geografia: Teoria e Realidade, Ed. Ucitec-Polis, 1984 (Ed. Original: 1952). Trad. De Ary França e Raul de Andrade e Silva.

MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO. Convênio Celebrado pelo Município e a Associação de Pais, Mestres e Funcionários do Colégio Estadual Professora Ivone Soares Castanharo – Utilização e Conservação, Parque Municipal Galha Azul, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de Educação Física para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Curitiba: SEED, 2008

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão do aluno de ensino médio sobre a geografia atual**. Dissertação de mestrado em Geografia. Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa-PB 2007.

PRADO JÚNIOR, Caio. Introdução. Pp. VII-XL. In: Corografia brasílica de Aires de Casal. Fac símle da edição de 1817. Tomo I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SERPA, A. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, Nº 84, P. 7-24, 2006

SEED/PR. Diretrizes Curriculares. Curitiba: 2008

SOARES, Luiz Eduardo. **Campesinato**: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia** - Geografia e ideologia. Petrópolis: Vozes, 1976.

SOUSA Cristiane Aureliano de. et al. **A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental**. Publicado em 25/10/2016. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/a-aula-de-campo-como-instrumento-facilitador-da-aprendizagem-em-geografia-no-ensino-fundamental>>. Acesso em: 2017.

STERNBERG, Hilgard O'reilly. **Contribuição ao estudo da Geografia**. O Trabalho de Campo na Geografia. Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação. 1946.

VENTURI, L.A.B. **Geografia** - práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Sarandi, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE - A : FORMULÁRIO DE CONSULTA AOS PROFESSORES

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES. DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA	
Olá, muito prazer		
<p>Sou Mario Bertoldo, professor na rede pública estadual - SEED/PR e aluno do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Maringá-UEM. Atualmente estou reunindo participantes para uma pesquisa que consiste em analisar os conceitos que os professores de Geografia têm sobre o Trabalho de Campo.</p>		
<p>Lembro que as informações de cada participante serão tratadas de forma confidencial e a apresentação dos resultados será feita de maneira a não permitir a identificação das pessoas envolvidas.</p>		
<p>Caso você tenha interesse em participar desta pesquisa, por favor, preencha o questionário a seguir, responda as questões discursivas e marque a resposta escolhida com um (X) dentro dos parênteses.</p>		
<p>Nome: (opcional)</p> <hr/>		
<p>Escola:</p> <hr/>		
<p>Série que leciona: Ensino Fundamental (), Médio(), Fundamental e Médio().</p>		
<p>01) O que você entende por Trabalho de Campo na disciplina de Geografia? Para que realizar?</p>		
<p>R: _____</p>		
<p>02) Você realiza trabalho de campo?</p> <p>() sim, sempre</p> <p>() Sim, esporadicamente</p> <p>() não, vejo dificuldades:</p> <p>() Sempre que o conteúdo pede</p> <p>() quando aparece recurso financeiro</p> <p>() quando estou participando de projetos</p> <p>() a escola não colabora e falta de estrutura</p> <p>() os pais não permitem que os alunos saiam da escola</p> <p>() os alunos não estão suficientemente preparados para essa atividade</p>		
<p>04) Quantas vezes você realiza trabalho de campo com seus alunos?</p> <p>() uma vez no ano () duas vezes no ano () três ou mais vezes no ano</p>		
<p>05) Como o Trabalho de Campo em geografia pode fazer diferença na sua pratica escolar?</p>		
<p>R: _____</p>		

06) Qual a dificuldade de se praticar Trabalho Campo com alunos?

R: _____

07) Você consegue referendar seus conteúdos didáticos quando realiza um Trabalho de Campo? Pode citar exemplo?

R: _____

08) Como você avalia o Trabalho de Campo com relação à efetivação da aprendizagem?

R: _____

09) Quais atitudes (forma de pensar e agir) se espera dos alunos nas atividades de Trabalho de Campo?

R: _____

10) Nos Trabalhos de Campo, desenvolvidos em suas aulas, as expectativas são/foram alcançadas? Relate.

R: _____

11) Você já refletiu que o Trabalho de Campo pode ser realizado também dentro do espaço escolar? Você já realizou trabalhos assim? Pode relatar?

R: _____

APÊNDICE – B: FORMULÁRIO DE CONSULTA AOS ALUNOS



COL. ESTADUAL PROFª. IVONE S. CASTANHARO ENS. FUNDAMENTAL E MÉDIO

Rua Sanhaço, 720 – Jardim Tropical I - Campo Mourão/PR- CEP: 87310-190

E-mail: colegioivone@gmail.com Fone (44) 3525-9261

Aluno(a): _____ Nº: _____ Série: _____ Data ____/____/____

Questionário sobre o trabalho de campo

Olá, muito prazer.

Sou Mario Bertoldo, professor na rede pública estadual - SEED/PR e aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Maringá-UEM. Atualmente estou reunindo participantes para uma pesquisa que consiste em analisar o que os alunos entendem por trabalho de campo na disciplina de geografia

Lembro que as informações de cada aluno participante serão tratadas de forma confidencial e a apresentação dos resultados será feita de maneira a não permitir a identificação dos envolvidos.

Caso você tenha interesse em participar desta pesquisa, por favor, preencha o questionário a seguir, respondendo as questões discursivas.

a) As atividades de Trabalho de Campo na disciplina de Geografia são importantes para o seu aprendizado?

R: _____

b) Quais dificuldades os alunos demonstram em aprender os conteúdos trabalhados na disciplina de geografia?

R: _____

c) Com que frequência, no ano letivo, o professor de Geografia realiza atividades de campo na turma/série que você estuda?

R: _____

d) Quando o professor de geografia realiza trabalho de campo, quais os lugares que a sua turma/série visita?

R: _____

**APÊNDICE - C : FORMULÁRIO DE COMUNICAÇÃO E PEDIDO DE
DISPENSA AOS PAIS DOS ALUNOS**



COL. ESTADUAL PROF.ª IVONE S. CASTANHARO ENS. FUNDAMENTAL E MÉDIO
Rua Sanhaço, 720 – Jardim Tropical I - Campo Mourão/PR- CEP: 87310-190
E-mail: colegioivone@gmail.com Fone (44) 3525-9261

Aluno(a): _____ Nº: _____ Série: _____ Data ____/____/____

Temo de autorização para aula de campo

Eu _____ Rg.
nº _____, responsável legal pelo aluno(a)

_____, **autorizo-o** a participar de uma
Atividade de Trabalho de Campo, para referendar os conteúdos didáticos repassados em sala de aula na disciplina de geografia.

A atividade será realizada no _____,

Os alunos estarão acompanhados do professor **Mario Bertoldo**, da disciplina de geografia e o cronograma se dá da seguinte forma:

- Data do trabalho campo: ____/____/____
- Horário de saída _____ horas. Horário de retorno _____ horas.

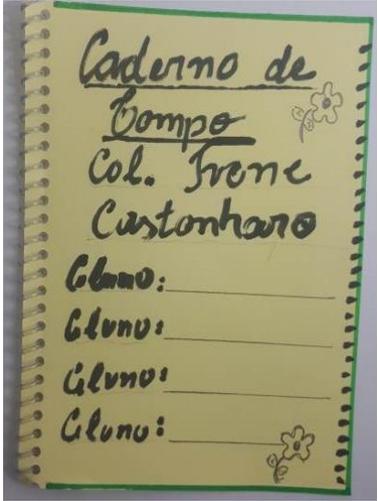
Campo Mourão _____ de _____ de _____.

Assinatura: _____

APÊNDICE - E: QUESTIONÁRIO AOS MORADORES

	<p>COLÉGIO ESTADUAL PROFª. IVONE S. CASTANHARO E.F.M Reconhecimento do Estabelecimento Nº 4307/87 de 23/11/87 E-mail: colegioivone@gmail.com Rua Sanhaço, 720 – Jardim Tropical I - Campo Mourão/PR- CEP: 87310-190 Fone (44) 3525-9261</p>
<p>Morador (opcional): _____ Endereço: _____ Nº: _____</p>	
<ol style="list-style-type: none">1. Qual o tempo de moradia da sua família no Bairro Jardim Tropical? R: _____2. Os serviços de coleta de lixo são frequentes na sua rua? R: _____3. Você já fez alguma reforma residencial? Qual o destino do entulho e da sobra de materiais de construção? R: _____4. O que você pensa sobre as calçadas irregulares e do pouco espaço para a circulação de pedestres? R: _____5. Os bueiros entupidos atrapalham o escoamento de água ou para você não faz diferença? R: _____6. As árvores plantadas e podadas de forma irregular é obra da prefeitura ou dos moradores? R: _____7. Os moradores e a prefeitura se preocupam com os terrenos baldios? R: _____8. Você se preocupa com o destino do lixo que produz? R: _____9. Você tem comunicado aos responsáveis pelos serviços públicos sobre o descontentamento dos serviços urbanos verificado no seu bairro? R: _____	

APÊNDICE - F: Exemplo de caderno de campo

	<p>Desenho do grupo sobre o que imaginam de um parque urbano (atividade previa a saída de campo)</p>	<p>Tema proposto para equipe: _____</p> <p>Data do trabalho de campo: _/_/___</p> <p>Local da visitaçãõ: _____ _____</p> <p>O que é um parque urbano? _____ _____ _____ _____ _____</p>
<ul style="list-style-type: none"> • A mata é nativa? <i>Sim() não()</i> • A mata é nativa reflorestada? <i>Sim() não()</i> • Que espécie de vegetação que lhes chamaram mais atenção? <i>Relate</i> <p>R: _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____</p>	<p>Anotem aqui outras observações importantes sobre o tema proposto para a sua equipe nesse trabalho de campo</p> <p>_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____</p>	<p>_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____</p>

Org. Mario Bertoldo.